



Universidade de Brasília

IL – Instituto de Letras

LET- Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução

Curso de Licenciatura em Letras-Japonês

Leandro Guedes Fonseca de Brito

Breve reflexão sobre 5 estudantes que abandonaram o curso de Graduação e Licenciatura em Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília: Estudo de Caso.

Leandro Guedes Fonseca de Brito

Breve reflexão sobre 5 estudantes que abandonaram o curso de Graduação e Licenciatura em Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília: Estudo de Caso.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca de projeto final de Licenciatura em Letras Habilitação em Japonês, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Língua e Literatura Japonesa, pelo curso de Letras-Japonês da Universidade de Brasília.

Orientador: Professor Doutor Yûki Mukai

Brasília - DF

2013

Universidade de Brasília
IL/ Instituto de Letras
LET/ Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução

Breve reflexão sobre 5 estudantes que abandonaram o curso de Graduação em Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília: Estudo de Caso.

Candidato: Leandro Guedes Fonseca de Brito

Data da Aprovação: ____/____/____

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Yûki Mukai - UnB
Orientador

Prof^a. Dr. Yuko Takano - UnB
Examinador Interno I

Prof.Ms. Fausto Pereira - UnB
Examinador Interno II

Brasília - DF
2013

Agradecimentos

Existem situações na vida em que é fundamental poder contar com o apoio e ajuda de algumas pessoas. Para a realização deste Trabalho de Conclusão de Curso, pude contar com inúmeras. Destacarei algumas, através de poucas palavras, e a essas pessoas presto os meus sinceros agradecimentos:

Ao Professor Doutor Yûki Mukai, orientador desta pesquisa, pelos seus conhecimentos, atenção e excelência na arte de orientar e designar os passos a serem trilhados para que eu atingisse com louvor a conclusão deste trabalho.

Aos familiares e amigos pelo apoio e compreensão, ainda que não envolvidos diretamente com a compilação da presente pesquisa.

Aos 5 ex-alunos entrevistados do Curso de Letras-Japonês da UnB que me atenderam e colaboraram, de forma direta, com a prestação de valiosas informações que serviram de alicerce para a realização desta obra.

“Não há nenhum segredo para o sucesso. É resultado de preparação, trabalho duro, e aprender com o fracasso”.

Gen. Colin L. Powell

RESUMO

Compreender as dificuldades para a aprendizagem de língua estrangeira requer o conhecimento do que vem a ser a língua estrangeira, ou seja, devem-se estudar as Teorias de Aquisição de Língua Estrangeira. Faz-se necessário para o presente trabalho acadêmico, compreender como essas teorias podem contribuir para o aprendizado da língua japonesa ministrada na Universidade de Brasília (UnB). Esta pesquisa trata do idioma japonês, mais especificamente no curso de Graduação em Língua e Literatura Japonesa. Foi aplicado um questionário misto (perguntas objetivas e subjetivas) e uma entrevista semiestruturada a 5 ex-alunos do curso supracitado a fim de realizar um diagnóstico sobre possíveis fatores motivacionais e/ou cognitivos que culminaram em abandono do curso por estes mesmos 5 ex-alunos. O questionário aplicado é limitado pelo método qualitativo e igualmente baseado em análise documental de teorias sobre o processo de aquisição e aprendizagem em LE sendo a natureza da pesquisa um estudo de caso. O objetivo desta pesquisa é interpretar as causas (motivacionais e/ou cognitivas intrinsecamente relacionadas ao curso) do abandono por parte dos 5 ex-alunos entrevistados, afim de sugerir, em termos simplórios, premissas em teor piloto que poderão servir como uma rota para pesquisas futuras acerca da temática e questionamentos elencados neste presente trabalho. Pelas informações obtidas através dos questionários aplicados, foram levantados alguns indícios de hipóteses sobre a desistência no curso de japonês. Entre tais indícios, destaca-se o interesse pessoal em querer ingressar em uma universidade conceituada, pública e gratuita independentemente do interesse em concluir a graduação.

Palavras-chave: Abandono do curso de Letras-Japonês. Aprendizagem de japonês como Língua Estrangeira. Desmotivação.

ABSTRACT

Understanding the difficulties of learning a foreign language require knowledge of what is to be a foreign language, in other words, one should study the Theories of Foreign Language Acquisition. It is necessary to present academic work, understand how these theories can contribute to the learning of Japanese language taught at the University of Brasilia (UnB). This research deals with the Japanese language, specifically in Undergraduate course in Japanese Language and Literature. A mixed questionnaire (objective and subjective questions) and a semi-structured interview were applied to the 5 former students of the course aforementioned to make a diagnosis of possible (motivational factors and / or cognitive) culminating in abandonment of the course by these same five former students. The questionnaire is limited by the qualitative method and also based on documentary analysis of theories about the process of acquiring and learning foreign language being the nature of the research a case study. The objective of this research is to interpret the causes (motivational and /or cognitive intrinsically related to the course) the abandonment by 5 former students interviewed, with the purpose to suggest, in terms simpletons, assumptions in pilot content that could serve as a route to future research about the topic and questions listed in this present work. Through information obtained from questionnaires and interview were collected some evidence hypotheses about the abandonment in the course of Japanese. Among such evidence, highlights the personal interest in joining a prestigious university, public and free regardless of interest in completing the degree.

Keywords: Abandonment of Letters course-Japanese. Learning Japanese as a Foreign Language. Demotivation.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Distribuição de Disciplinas de Japonês por Semestre.....	35
TABELA 2: Backgrounds dos Participantes.....	37
TABELA 3: Entrevistas Semiestruturadas.....	38
TABELA 4: Idiomas mais procurados no mercado de trabalho.....	52
TABELA 5: Categorização/agrupamento de razões para ingresso e abandono do curso de Letras-Japonês.....	55

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS.

atual. - atualizado, -a

cf. – confira

et al. - e outros

i.e. - isto é

pt. – parte

reform. - reformulado, -a

rev. - revisado, -a

seg., segs. - seguinte, -s

tab., tabs, - tabela, -s

LAD – Language Acquisition Device (Dispositivo de Aquisição de Linguagem)

LE – Língua Estrangeira

L1 – Língua Materna

L2 – Segunda Língua

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO.....	12
1.1 Justificativa/Motivação.....	15
1.2 Problemas e Perguntas de Pesquisa.....	17
1.3 Objetivos	
1.3.1 Geral.....	18
1.3.2 Específicos.....	18
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	18
2.1 Teoria dos Universais Linguísticos de Chomsky.....	18
2.2 Teoria Cognitiva de Castro.....	21
2.3 Psicolinguística Vygotskiana.....	22
2.4 Modelo Monitor de Krashen.....	24
3 Metodologia.....	29
3.1 Método e Natureza de Pesquisa.....	30
3.2 Contexto da Pesquisa.....	33
3.3 Participantes.....	36
3.4 Instrumentos de Coleta de Dados.....	37
3.4.1 Questionário Misto.....	37
3.4.2 Entrevistas Semiestruturadas.....	37
3.5 Procedimentos da Análise de Dados.....	38
4 RESULTADOS.....	39
4.1 Análise dos Dados.....	39
4.2 Motivos do Ingresso no curso de Letras-Japonês.....	45
4.3 Causas do Abandono do Curso de Letras-Japonês.....	46
4.4 Limitações da Pesquisa (número de participantes e estudo de caso).....	47

4.5	Diagnósticos sobre possíveis fatores motivacionais e/ou cognitivos do abandono do curso.....	47
5	CONCLUSÃO.....	55
5.1	RETOMANDO AS PERGUNTAS DE PESQUISA.....	55
5.2	Sugestões para Futuras Pesquisas.....	57
5.3	Contribuições da Pesquisa.....	57
6	REFERÊNCIAS.....	60
7	LISTA DOS APÊNDICES.....	63
APÊNDICE A.....	(Termo de Consentimento)	64
APÊNDICE B.....	(Questionário Misto)	65
APÊNDICE C.....	(Roteiro de Entrevista Semiestruturada com os Participantes)	71
APÊNDICE D.....	(Síntese da Entrevista com o Participante Márcio Maia)	72
APÊNDICE E.....	(Síntese da Entrevista com o Participante Antônio)	73
ANEXO A – GRÁFICOS E DADOS.....		74-78

1 INTRODUÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO

O ser humano em sua formação política e social possui a necessidade primordial de se comunicar com o ambiente em que vive, bem como com seus semelhantes. O homem utiliza a comunicação e a linguagem como forma de sobrevivência. Segundo Pignatari (2002), a “comunicação” vem sendo aceita mais rapidamente pela massa média do público letrado, mas representa, muitas vezes, informação incomunicável.

Muito há que se discutir a respeito da comunicação que existe por trás da aprendizagem de língua estrangeira. Existem diversos fatores que levam um indivíduo a buscar o aprendizado de uma língua diferente da pátria, posto que a comunicação tornou-se diferencial em todo mundo por incontáveis motivos, sendo mais atrativos os de cunho financeiro, social e político.

Compreender as dificuldades para a aprendizagem de língua estrangeira requer o conhecimento do que vem a ser língua estrangeira, ou seja, devem-se estudar as Teorias de Aquisição de Língua Estrangeira (doravante LE). Faz-se necessário, para o presente trabalho acadêmico, compreender como essas teorias podem contribuir para o aprendizado da língua japonesa na Universidade de Brasília (doravante UnB).

Neste ensejo, esta obra pretende abarcar mecanismos que levam ao contexto ensino-aprendizagem de LE e suas concatenações que envolvem o processo cognitivo para a aprendizagem de LE. Destarte, trataremos peculiarmente da língua japonesa, mais precisamente no curso de Graduação em Língua e Literatura Japonesa. A pesquisa realizada (questionário aplicado a 5 ex-alunos do curso supracitado) é limitada pelo método qualitativo e igualmente baseada em análise documental de teorias sobre o processo de aquisição e aprendizagem em LE, sendo a natureza da pesquisa um estudo de caso. Outrossim, com os resultados deste trabalho, foi levantado um diagnóstico sobre possíveis fatores motivacionais e/ou cognitivos que culminaram em uma conseqüente desistência, por parte destes mesmos 5 ex-alunos, na aprendizagem do idioma japonês.

Ainda no ampliar da pesquisa, serão apontados indícios de hipóteses que versam sobre a desmotivação na aprendizagem da língua japonesa por estes mesmos 5 ex-alunos do curso supracitado; aplica-se aqui, por ex-alunos, aqueles que ingressaram no curso, mas não o levaram adiante devido à existência de barreiras tanto didáticas como cognitivas no processo de aprendizagem do idioma japonês.

Por cognição, em termos de significação, temos a seguinte definição: “ato ou processo de conhecer, que envolve atenção, percepção, memória raciocínio, juízo, pensamento e linguagem” ¹. *Cognitione*, que significa a aquisição de um conhecimento através da percepção, é o conjunto dos processos mentais usados no pensamento e na percepção. De uma maneira simples, podemos dizer que cognição é a forma como o cérebro percebe, aprende, recorda e pensa sobre toda informação captada através dos cinco sentidos; é ainda um processo pelo qual o ser humano interage com os seus semelhantes e com o meio em que vive. Ela começa com a captação dos sentidos e logo em seguida ocorre a percepção. É, portanto, um processo de conhecimento, que tem como material a informação do meio em que vivemos e o que já está registrado na nossa memória.

A Universidade, de um modo geral, possui papel social, cultural, educacional entre outros aspectos que irão contribuir para a formação do aluno. A UnB possui vários projetos de integração dos alunos e comunidade UnB que trabalham em conjunto ou paralelo aos cursos de línguas oferecidos pela Universidade, como por exemplo, o Serviço de Apoio Linguístico (SAL) e o UnB Idiomas. O SAL tem por objetivo “solucionar gratuitamente, questões que envolvem o uso da Língua Portuguesa no Brasil, como dúvidas de gramática, vocabulário, além de oferecer sugestões de melhoramentos em textos e documentos” ². Já o

¹Wikipédia (enciclopédia).Disponível:<<http://pt.wikipedia.org/wiki/Cogni%C3%A7%C3%A3o>>.

² UnB. Educação. Disponível em: <http://www.unb.br/servicos/para_a_comunidade/educacao>. Acesso em: 22 fev. 2012.

UnB Idiomas cuida especificamente do ensino de línguas estrangeiras e é aberto à comunidade³.

Além disso, o Núcleo de Estudos Asiáticos, fundado em 1987, é um dos Núcleos Temáticos que compõem o Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM) da UnB. Os Núcleos Temáticos (NTs) complementam as atividades dos Departamentos e de outras unidades acadêmicas da Universidade e procuram ao mesmo tempo relacionar a Universidade com a sociedade. O grupo temático do Japão oferece várias parcerias que promovem a interação entre Brasil e Japão, dentre as quais se destaca o ensino da Língua Japonesa. Essa interação reflete a busca pela aquisição de língua estrangeira (japonês) na UnB. Segundo o Portal NIPPO Brasília (2011), a comunidade japonesa do Distrito Federal (estimada em 8 mil *Nikkeis*⁴) organiza-se em uma federação, da região Centro-Oeste, que congrega associações e outras entidades, porém, poucas mantêm um site ou fazem amplo uso dos serviços da Internet. Por outro lado, houve um grande crescimento do interesse de brasileiros pela cultura, tradições, estilo de vida e a culinária do Japão.

Veremos mais adiante que a busca pelo aprendizado do idioma japonês na UnB em algumas das modalidades ofertadas (curso regular e extensão) é constante desde a sua implantação, ou seja, existe de fato, o interesse pelo aprendizado da língua em questão. Este trabalho, em termos mais delimitados e menos abrangente, discorrerá, especificamente, sobre o abandono do estudo na língua japonesa por 5 ex-alunos do curso regular de Letras-Japonês e suas possíveis causas a fim de servir como piloto para pesquisas futuras que venham a explicar sobre essa temática (abandono do curso de língua japonesa na universidade). Como base para os dados e resultados obtidos por meio desta pesquisa (mais precisamente um estudo de caso), foram analisados os questionamentos e respostas de perguntas objetivas e subjetivas de 5

³ Ibidem.

⁴ *Nikkei* (日系) é uma denominação em língua japonesa para os descendentes de japoneses nascidos fora do Japão ou para japoneses que vivem regularmente no exterior. In: GUALBERTO, Paulliny. O banho dos nikkeis. Acesso em: 15 fev. 2012.

ex-alunos que ingressaram no curso regular de Graduação e Licenciatura em Língua e Literatura Japonesa da UnB, mas que não chegaram a concluí-lo.

1.1 Justificativa/ Motivação

Na visão de Travaglia (1996), a concepção da linguagem, necessária à aprendizagem de língua, não somente a estrangeira, mas qualquer aprendizado de língua propõe três modos para a percepção: expressão do pensamento, instrumento de comunicação e forma de interação.

Ainda segundo Costa, Marcos (2009), um idioma é um código de comunicação que tem como objetivo representar as coisas que já percebemos. É composto por signos, e seu propósito é transmitir nossa experiência para os outros. A palavra escrita é um signo, a palavra falada é como se fosse outro signo diferente. O cérebro aprende como utilizar cada uma separadamente. Aprendemos primeiro os signos falados e seus significados. O signo que ouvimos é diferente, para o cérebro, quando o falamos. A criança, quando nasce, já está capacitada a sentir o mundo por meio de seus sentidos: visão, tato, paladar, olfato e audição. Ela percebe o mundo; não há necessidade de nenhum idioma para isso. Aos poucos, ela passa a ouvir e entender a língua, apesar de não ter, ainda, a habilidade de falar desenvolvida. Bem antes de as primeiras palavras serem produzidas, a criança já assimilou muitas informações sobre a língua à sua volta. Podemos, então, concluir o seguinte: Quando a criança começa a falar, ela já compreende um número bem maior de palavras do que aquelas que consegue pronunciar.

É preciso em um primeiro momento o entendimento destas citações supracitadas para que se possa deixar claro que existe uma diferença entre aquisição e aprendizagem de uma segunda língua. No caso já mencionado como o da criança, esta por sua vez, possui a “internalização” de sua língua mãe através da aquisição natural. A presente pesquisa em questão alude à aprendizagem e não à aquisição

de uma língua. Mais precisamente, a aprendizagem de um segundo idioma, já que a língua mãe é considerada o primeiro; especificamente a aprendizagem do idioma japonês. Vale ressaltar ainda que tal aprendizagem é realizada por adultos (em um estudo de caso) e não por crianças o que interfere consubstancialmente na aprendizagem em si. Afiro isso com respaldo nas Teorias de Aquisição de Língua Estrangeira que abordaremos no tópico Revisão de Literatura. Adianto que a realização deste trabalho investigativo faz jus aos números de certa forma significantes que apontam o índice de alunos que ingressam no curso de Letras-Japonês da UnB, mas que não chegam a concluir o mesmo.

No que tange ao ensino-aprendizagem de Língua Estrangeira, o presente trabalho aponta prováveis motivos pertinentes à má aprendizagem da LE, neste caso, o japonês, e as causas que culminaram em conseqüente abandono do curso de graduação em língua japonesa pelos 5 ex-alunos que foram o alvo desta pesquisa. A motivação para a compilação deste trabalho está justamente no fato de eu (o autor desta pesquisa) ser aluno do curso regular de Graduação em Língua e Literatura Japonesa da UnB e, na posição de aluno, almejei buscar entender o porquê da grande evasão que acontece no curso (na minha turma, por exemplo, de um total de 24 alunos, 15 abandonaram em algum período/semestre antes do término estimado em 9 semestres). A situação da evasão geral do curso (de 2002 até o início do ano passado [2012] é mostrada em números e através de gráficos na lista de apêndices deste trabalho. O curso regular de Graduação em Letras-Japonês da UnB foi inaugurado em 1997, ou seja, há 16 anos. O levantamento estatístico da evasão foi feito com base nos últimos dez anos (2002-2012). Venho novamente ressaltar que a compilação deste Trabalho de Conclusão de Curso não abarca amostras quantitativas e/ou conclusivas a respeito do por que do quantitativo absoluto de evasão por parte de alunos e/ou ex-alunos do curso de Letras-Japonês da UnB desde a sua implantação em 1997, mas sim, mediante as informações fornecidas pelos 5 ex-alunos do curso, servir como piloto para pesquisas futuras que venham a explicar sobre essa temática (abandono do curso de língua japonesa na

universidade). Para melhor entender sobre o curso de Graduação em Letras-Japonês da UnB, foi utilizado neste presente trabalho, informações pertinentes ao curso que explicitam de uma maneira cronológica o surgimento da Graduação em questão. Tais informações foram retiradas do próprio site do Departamento de Letras-Japonês da UnB e que serão explanadas de forma mais detalhada no tópico 3.2 (Contexto da Pesquisa) deste trabalho e que se encontra mais adiante.

1.2 Problemas e perguntas de pesquisa.

Diante do exposto acima é importante analisar o porquê do abandono do curso regular de Letras-Japonês da UnB por parte dos 5 ex-alunos que são o objeto de estudo desta pesquisa. Um percentual relativamente significativo de estudantes que ingressam no curso de Língua e Literatura Japonesa ofertada pela UnB, não chega a concluí-lo. Tal percentual foi adquirido através da subtração do número de ingressantes pelo número de alunos que abandonaram o curso. Os dados estatísticos desta subtração foram obtidos através do Departamento de Planejamento e Orçamento da UnB (DPO/UnB)⁵ e também da revista DARCY (nº 10, abril e maio de 2012, p.16-19). Os gráficos e dados numéricos destas estatísticas serão oportunamente apresentados e analisados mais adiante.

Nesse sentido, essa pesquisa almeja responder os seguintes problemas de pesquisa que envolve a aprendizagem de Japonês como LE por alunos da UnB: ***Quais foram os obstáculos enfrentados pelos 5 ex-alunos do curso de Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília para a aprendizagem do idioma japonês? Por que estes mesmos ex-alunos abandonaram o curso?***

⁵ Departamento de Planejamento e Orçamento (DPO/UnB)⁵ / março de 2012 e Portal CESPE/ março 2012; Programa Universidade do Brasil UAB/UnB/ março 2012 e Anuário Estatístico 2011/ UnB e Portal REUNI/ março 2012.

1.3 Objetivos

1.3.1 Geral

O objetivo geral desta pesquisa é interpretar as causas (motivacionais e/ou cognitivas intrinsecamente relacionadas ao curso de Letras-Japonês da UnB) do abandono do curso supracitado por parte de 5 ex-alunos.

1.3.2 Específicos

- a) Identificar quais foram os motivos do ingresso no curso de Letras- Japonês por parte dos 5 ex-alunos.
- b) Identificar quais foram as causas (motivacionais e/ou cognitivas relacionadas ao ensino da língua japonesa) que culminaram em abandono do curso de Letras-Japonês por parte destes mesmos que ingressaram.
- c) Relacionar os motivos de ingresso e de abandono do curso a fim de servir como informações piloto para trabalhos futuros consubstanciados na presente pesquisa e que discorram sobre a desistência e/ou desmotivação do estudo do idioma japonês.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A aquisição e/ou aprendizagem de uma segunda língua é um processo complexo constituído de um número significativo de variáveis. Modelos de aprendizagem e pesquisas em aquisição de uma segunda língua (aqui significando também língua estrangeira) têm procurado explicar alguns dos fatores que interagem nesse processo, tais como questões relativas à metodologia e recursos instrucionais, diferenças individuais do aprendiz (como aptidão e estilo cognitivo, por exemplo), o contexto de aprendizagem, características do professor, aspectos relativos à língua a ser aprendida, os processos cognitivos dos

aprendizes e sua produção efetiva (Naiman et al 1978; Skehan 1989; Heberle et al 1993). A revisão de literatura tratará de forma gradual, importantes teorias de LE em que se baseiam a conceituação de aspectos da aquisição de língua estrangeira. Sendo elas: Teoria dos Universais Linguísticos de Chomsky, Teoria Cognitiva de Castro (NASCIMENTO et al., 2008). Psicolinguística Vygotskiana de Vygotsky e ainda Modelo Monitor de Krashen. Serão também estudados elementos que possam sugerir a presença de barreiras tanto didáticas como cognitivas ou ainda motivacionais relacionadas ao aprendizado da Língua Japonesa. A motivação vem de uma força interna do ser humano e é de extrema importância no seu desenvolvimento. A aprendizagem de uma língua estrangeira, assim como a aprendizagem de uma forma geral, não é um ato isoladamente passivo, Isto é, o fato de o aluno estar motivado a aprender uma língua estrangeira pode ser um fator importante para que isto aconteça. Podemos então definir a motivação como um conjunto de fatores circunstanciais e dinâmicos que irá determinar a conduta do indivíduo (SCHUTZ, 2003).

De acordo com Fragozo (2011, p. 151), “o aprendizado de línguas estrangeiras caracteriza-se como um processo bastante complexo, pois envolve muito mais do que a habilidade de produzir e compreender sentenças na língua-alvo.” Para a autora, a língua é também um fenômeno, já que, envolve a linguagem, a comunicação e a cultura, pois estão diretamente relacionadas ao contexto social e cultural.

Nesse sentido, o presente trabalho apresenta como pilares de sustentação teórica, além de citações de diversos autores e pesquisadores do assunto, as Teorias supracitas e que serão analisadas mais adiante.

2.1 Teoria dos Universais Linguísticos de Chomsky

O estudo da linguística trouxe contribuições interessantes para o desenvolvimento das ciências da linguagem. Entre eles, um dos que mais

contribuiu para o desenvolvimento de estudos subsequentes foi o modelo epistêmico concebido por Chomsky para explicar a aquisição da língua materna. (SENNA, 1995, p. 17).

Conforme considera Chomsky (1998, apud NASI, 2012, p.3), “os seres humanos apresentam uma predisposição genética que permite a aquisição da linguagem”. Assim, Chomsky utiliza o termo “estado inicial” para caracterizar o que seria um dispositivo de aquisição da língua. Sobre esse aspecto, Nasi (2012, p.3) reflete:

Ora, se todos os seres humanos estão aptos a adquirirem uma língua, a experiência vivida pelos sujeitos seria um “dado de entrada” no sistema (permitindo a assimilação de palavras e seus significados) e a língua propriamente dita, um “dado de saída”. Assim, para Chomsky, cada língua em particular é uma manifestação específica do estado inicial uniforme.

Paiva (2012) analisa que, de acordo com a teoria de Chomsky, todo ser humano é biologicamente dotado com a faculdade da linguagem, o dispositivo de aquisição de linguagem, que é responsável pelo estado inicial do desenvolvimento da linguagem. Nesse sentido, Senna (1995, p.17) considera:

O modelo chomskyano de aquisição da linguagem é baseado na hipótese de que a mente humana é geneticamente dotada de um mecanismo especificamente destinado à aquisição da linguagem, denominado LAD (Language Acquisition Device: Dispositivo de Aquisição da Linguagem). A pressuposição de um mecanismo de tal ordem está embasada numa concepção particular acerca do modo como funciona e se organiza a mente humana, e está respaldada em certas evidências empíricas.

Nessa perspectiva, para que se possa admitir a existência de LAD, nos termos descritos pela linguística chomskyana, é necessário admitir que:

- a) A mente, *a priori*, seja dotada de certos estados cognitivos a priori (ou inatos) cujo papel é dar uma organização particular aos dados empíricos da realidade (SENNÁ, 1995, p.17).
- b) A mente seja composta por diversos (ou pelo menos dois) universos cognitivos autônomos, a fim de se justificar que o processamento da linguagem possa ser arrolado à margem de outros processamentos cognitivos de outra ordem (SENNÁ, 1995, p.17).

No que tange ao aspecto da aquisição de uma segunda língua, a teoria dos Universais Linguísticos de Chomsky determina dois pontos, sendo que o primeiro refere-se à aprendizagem do conteúdo gramatical de determinada língua e o outro às estruturas encontradas em todas as línguas, ou seja, as estruturas universais da língua. (NASCIMENTO et.al., 2008, p.2).

Nesse sentido, Venturi (apud, NASCIMENTO et.al., 2008, p.2) considera que os aprendizes sempre apresentam maiores dificuldades no processo de aprendizagem das regras gramaticais as quais serão de um modo geral novidade. Quanto às estruturas comuns da sua língua materna e a segunda língua, não haverá muitos problemas devido às comparações e adequações possíveis que podem ser feitas. Nesse sentido, a parte gramatical deverá ser trabalhada mais frequentemente e de forma mais dinâmica.

2.2 Teoria Cognitiva de Castro

Segundo estudo realizado por Montezor e Silva (2009), Castro, por sua Teoria Cognitiva, “vê o aprendizado da segunda língua como um processo mental, que passa pela prática estruturada de várias sub-

habilidades até a automação e integração de padrões linguísticos”. Conforme mencionam os referidos autores:

Essa teoria afirma que as habilidades tornam-se automáticas ou rotinizadas apenas após processos analíticos. Por outro lado, a Teoria Cognitiva postula uma reestruturação e integração constante e contínua dos aspectos linguísticos trabalhados para que o aprendiz desenvolva a linguagem. (MONTREZOR e SILVA 2009, p. 29).

Para Pontes (et.al., 2007) a Teoria Cognitiva de Castro, determina que o processo de aquisição de uma segunda língua “é controlado por parte do aprendiz que constrói seu conhecimento e o modo de conseguir esse conhecimento”. Nesse caso, o aluno principiante é impelido a fazer uso de suas próprias habilidades, e ao mesmo tempo, é instigado a ter a consciência de suas estratégias cognitivas.

Por fim, Nascimento (et. al. 2008), a respeito da Teoria de Castro, alegam que o processo de desenvolvimento e aprendizagem de uma segunda língua “é dado através de um processo mental assim como todas as demais habilidades como escrever, por exemplo,”. À luz do que defende Castro, em sua Teoria, os autores consideram que as habilidades se tornarão automáticas ou rotineiras após processos analíticos, sendo que esses processos dizem respeito ao domínio dos conteúdos gramaticais, bem como, da escrita, fala, entre outro.

Nessa perspectiva, pode-se inferir que a partir das habilidades linguísticas obtidas pelo aluno aprendiz, a aprendizagem da segunda língua no que se refere aos seus processos automáticos ocorrerá naturalmente.

2.3 Psicolinguística Vygotskiana

Conforme expõe Wouk (1975, p.125), a psicolinguística se preocupa com problemas relativos a:

- a) Percepção de sons peculiares à língua falada; b)
- Aspectos neurofisiológicos da linguagem, de modo

especial do processo de irritação nas áreas cortical anterior e posterior, os principais centros da linguagem, e cujo papel ainda não se conhece exatamente; c) Mecanismos motores da linguagem; d) Mecanismos da linguagem ideacional e as relações entre linguagem e pensamento.

Wouk (1975) afirma ainda que “a psicolinguística estuda também o papel que a língua materna exerce na formação dos conceitos, analisa sua importância na evolução mental e determina de que maneira o indivíduo adquire os problemas a ela relacionados”.

Desse modo, no contexto da análise do que venha a ser a psicolinguística e de sua relação com o indivíduo, pode-se afirmar que a psicolinguística envolve diretamente a formação de opiniões e por consequência a conduta social e cultural do homem. Nessa perspectiva, tendo por fundamento os argumentos defendidos por Vigotsky, Melo (2005, p.57) aduz que:

Para Vigotsky, desde o momento em que nasce, o ser humano, rodeado por seus pares, se vê em um ambiente impregnado pela cultura, e é da convivência com esses elementos que a inteligência se desenvolve. Segundo o mesmo, as funções psicológicas elementares, isto é, os processos de origem biológica como os reflexos, a atenção involuntária, com o aprendizado cultural se transformam em funções psicológicas superiores, tais como a consciência, o planejamento, etc., de origem sociocultural.

Com isso, pode-se inferir que as crianças aprendem a língua materna em função do ambiente em que vivem, pois seus familiares se comunicam com ela. Posteriormente a escola, os colegas, a sociedade. Todo esse processo facilita o aprendizado, pois ocorre gradualmente, diferente do processo de ensino de uma língua estrangeira.

No que concerne à psicolinguística Vygotskiana, relativamente sobre o interesse de aprender uma língua estrangeira, Vigotsky (1991) reflete que a intenção do indivíduo é fruto de motivação.

Nessa perspectiva, a partir do desejo, do interesse e dos sentimentos, o homem se sente motivado a produzir pensamentos, que no caso, o leva a aprender uma língua estrangeira. Segundo Vygotsky, a motivação é um dos fatores principais não só para o sucesso da aprendizagem, como também na aquisição de uma língua estrangeira.

2.4 Modelo monitor de Krashen

O modelo monitor ou modelo de aquisição, defendido por Krashen, diz respeito aos aspectos que envolvem o processo de aprendizagem do indivíduo, sendo que este emprega desempenhos e intensidades diferentes, podendo fazer com que um indivíduo apresente maior facilidade para aprender uma segunda língua que outro.

Nessa perspectiva, Krashen (1978, p.1) define o modelo monitor da seguinte forma:

O modelo de desempenho de segunda língua, denominado Modelo Monitor, postula que o ator da segunda língua pode internalizar regras da língua alvo por meio de um dentre dois sistemas: uma forma implícita, denominada aquisição inconsciente da língua, e uma forma explícita, aprendizagem consciente da língua.

Krashen (apud, PAIVA, 2012) compara a aquisição à aprendizagem da primeira língua pelas crianças, pois requer uma interação significativa na língua alvo, ou seja, uma interação espontânea em que os falantes não estão preocupados com a forma de seus enunciados. Nesse caso, a aprendizagem consciente funcionaria apenas como monitor. Krashen entende que na aquisição (como ocorre com as crianças) a correção explícita de erros não parece relevante, mas que, na aprendizagem consciente (como ocorre nos adultos através da aprendizagem de outra língua), a atenção ao erro pode ajudar. Desse modo, Krashen considera que a aquisição é algo espontâneo e natural e a aprendizagem consciente, ocorrendo em sala de aula.

Destarte, Krashen (apud CALLEGARI, 2006, p.88), a respeito do modelo monitor relaciona duas hipóteses: aquisição e aprendizagem. Nesse sentido, Krashen defende dois caminhos distintos no processo de apropriação de uma língua estrangeira, sendo:

- a) **Aquisição:** é um processo automático que se desenvolve no nível do subconsciente, por força da necessidade de comunicação, semelhante ao processo de assimilação que ocorre com a aquisição da língua materna. Não há esforço consciente por parte do indivíduo nem ênfase no aspecto formal da língua, mas sim no ato comunicativo em si. Para que ocorra a aquisição faz-se necessária uma grande interação do aprendiz com a língua meta. Um exemplo típico de aquisição é o caso dos imigrantes que chegam a um país cuja língua falada é diferente da sua e, por força das necessidades comunicativas, adquirem a língua local sem possuir nenhum (ou pouco) conhecimento formal e explícito sobre tal língua. (KRASHEN, apud CALLEGARI, 2006, p.88).
- b) **Aprendizagem:** é um processo consciente que resulta do conhecimento formal “sobre” a língua. Através da aprendizagem (que depende de esforço intelectual para acontecer), o indivíduo é capaz de explicitar as regras existentes na língua meta. (KRASHEN, apud CALLEGARI, 2006, p.88).

Assim a habilidade em produzir sentenças em língua estrangeira é decorrente da competência adquirida. Valendo lembrar que o conhecimento consciente das regras gramaticais (aprendizagem) tem também uma (e única) função: atuar na produção dos enunciados como um monitor, um corretor, modificando-os caso não estejam de acordo com as regras aprendidas. (CALLEGARI, 2006, p.90). A teoria de Krashen (1987, p. 10-32) compreende cinco hipóteses:

1 Hipótese da Aquisição-Aprendizagem

2 Hipótese da Ordem Natural

3 Hipótese do Monitor

4 Hipótese do Insumo

5 Hipótese do Filtro Afetivo

Na hipótese da Aquisição-Aprendizagem segundo a qual a aquisição subconsciente é diferente da aprendizagem consciente, a aquisição refere-se ao processo natural, subconsciente, informal de aprendizagem tal como se aprende a língua materna L1. Já a aprendizagem diz respeito ao processo analítico, consciente e formal de aprendizagem como o que ocorre em sala de aula.

Na hipótese da ordem natural segundo a qual existe uma ordem universal na aquisição de LE/L2. Como na aquisição de primeira língua, a aquisição de segunda língua se desdobra na sequência previsível (exemplo: aquisição de morfemas gramaticais).

Na hipótese do Monitor segundo a qual, na aprendizagem, o conhecimento linguístico dos aprendizes pode ajudá-los a usufruir do Monitor, ou seja, o Monitor é posto em funcionamento quando os aprendizes tentam utilizar seu conhecimento linguístico corretamente sob as condições a seguir:

- a) Os aprendizes têm tempo suficiente para refletirem o seu próprio enunciado;
- b) Os mesmos possuem o conhecimento linguístico;
- c) O foco da atividade linguística recai sobre a forma (não o significado).

Na hipótese do Insumo segundo a qual, para uma aquisição eficaz, deve-se fornecer aos aprendizes, um insumo compreensível de um nível um pouco mais elevado do que o nível atual dos mesmos, ou seja, “i + 1”. O símbolo “i” representa o nível atual de uma LE/L2 de um aprendiz. O enunciado não compreensível não ajuda os aprendizes a aprenderem LE/L2, mas sim é apenas um ruído. Krashen (2004) enfatiza que é o input que causa aquisição e não o output: “output oral (fala) convida o input auditivo, via conversação; Se você fala, alguém te responde”. A hipótese da compreensão prevê, no entanto, que a contribuição da conversação para a aprendizagem de língua estrangeira é o que a outra pessoa diz a você, não o que você diz a ela.

Na Hipótese do filtro afetivo, segundo a qual se deve fornecer, aos aprendizes, um ambiente tranquilo e seguro, para que os mesmos possam receber o insumo, de forma eficaz, no processo de aquisição. O filtro afetivo se refere a um bloqueio mental metafórico. Os fatores afetivos são: motivação, autoestima, ansiedade, etc. A motivação, a autoconfiança e a ansiedade/insegurança, por exemplo, podem facilitar ou impedir o recebimento do insumo. Se o filtro afetivo for baixo, a aquisição de LE/L2 será realizada, de forma eficaz. Mas, se o filtro afetivo for alto, provavelmente, impedirá a aprendizagem. Como acontece em todas as análises de teorias ou ainda postulados, as críticas e oposições a Teorias ou Modelos de Aprendizagem, sempre sofreram retaliações por parte de estudiosos e críticos que contestam as hipóteses ou veracidade das proposições elencadas das Teorias existentes. Igualmente, diversos pesquisadores da área da linguística e afim, rebateram de forma um tanto quanto hostil o Modelo Monitor de Krashen; professores que não se conformavam com um modelo que minimizava a importância do ensino formal do idioma. As críticas, no entanto, servem para aperfeiçoar ainda mais os Modelos ou Teorias de Linguagem já existentes, ou seja, de certa forma, as críticas chegam a ser construtivas e passíveis de serem analisadas para, por fim, submeter à Teoria defendida ou repelida a novos testes ou hipóteses que possam verificar de forma epistemológica a veracidade e assertividade das informações ou conclusões existentes.

De certo, Krashen e até mesmo seus críticos, contribuíram significativamente para a formação de novas ideologias e teorias sobre Modelos de Aquisição e Aprendizagem de Língua. McLaughlin (1987) concluiu o seguinte:

As generalizações sobre o processo de aprendizagem de uma segunda língua devem ser consideradas como hipótese, pois não existe um consenso universal sobre as mesmas.

Existem sequências previsíveis à aquisição de estruturas numa segunda língua, de tal forma que certas estruturas são adquiridas antes de outras (Ughtbrown, in McLaughlin 1987). Em geral acreditasse que há uma sequência natural para a aprendizagem de uma segunda língua, semelhante à da aquisição da língua materna. Para passar por esses estágios de aquisição, o aprendiz deve ser exposto à LE e praticar as estruturas.

O aprendiz cria uma interlíngua sistemática, frequentemente caracterizada pelos mesmos erros de crianças falantes nativas da mesma língua, e também caracterizada pelo fenômeno denominado transferência, ou seja, erros baseados em estruturas e regras da língua materna do aprendiz (Ughtbrown, in McLaughlin 1987). A denominação interlíngua foi criada por Selinker (1975), para designar o sistema linguístico do aprendiz resultante de sua produção linguística e de observações sobre normas da LE. Hoje em dia o termo é geralmente usado na literatura de aquisição de uma segunda língua para significar o estágio de desenvolvimento da LE em que se encontra o aprendiz.

O aprendizado de uma LE é um processo ativo no qual os aprendizes descobrem como o input é segmentado; como os segmentos são usados para representar os significados; como as unidades são estruturadas; e que princípios os falantes usam para atingir objetivos e intenções comunicativas. Este processo exige tanto habilidades e

estratégias cognitivas como também conhecimento social. O aprendiz vai aos poucos se dando conta de sequências de sons e de estruturas sintáticas da LE, de como essas sequências são estruturadas e usadas em situações comunicativas. Modelos de aquisição de uma segunda língua baseados em estudos oriundos da psicologia e da psicolinguística enfatizam o papel de processos cognitivos na aquisição, a capacidade limitada de aprendizes processarem a informação, o uso de várias técnicas para vencer esses obstáculos e o papel da prática para automatizar alguns dos recursos mentais, conforme explica McLaughlin (1987).

3 METODOLOGIA

A pesquisa realizada é qualitativa baseada em análise documental de teorias sobre o processo de aquisição e aprendizagem de LE cujo ponto de partida está em responder ao problema inicial: ***Quais foram os obstáculos enfrentados pelos 5 ex-alunos do curso de Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília para a aprendizagem do idioma japonês? Por que estes mesmos ex-alunos abandonaram o curso?***

A pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista e interpretativa para o mundo, isto significa dizer que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender ou interpretar os fenômenos, em termos dos significados que as pessoas a eles conferem. (DENZIN, LINCOLN; 2006; P.17).

Ainda, segundo MACKEY, GASS (2005), o método qualitativo não tem como objetivo fazer generalizações sobre os resultados. Adicionalmente, Hamel (1993) diz que o estudo de caso não é um método específico de pesquisa, mas uma forma particular de estudo.

Stake (1994, p.236) salienta que o que caracteriza o estudo de caso não é um método específico, mas um tipo de conhecimento: Estudo de caso não é uma escolha metodológica, mas uma escolha do objeto a ser estudado. Nesta pesquisa, o objeto de estudo a ser explorado se dá em uma análise (sobre 5 ex-alunos que abandonaram o curso de Letras-Japonês da UnB) da qual discorre sobre o porquê de tal desistência no sentido motivacional e/ou cognitivo voltado para o estudo da língua japonesa. Uma questão fundamental segundo Stake é o conhecimento derivado do caso, ou melhor, o que se aprende ao estudar o caso.

3.1 Método e Natureza da Pesquisa

O Método qualitativo foi adotado para a presente pesquisa. Com relação à Natureza da Pesquisa, o Estudo de Caso foi o critério selecionado, por ser o mais apropriado para este trabalho. Isto por se tratar de apenas 5 ex-alunos (que são objeto alvo desta pesquisa) do curso regular de Letras-Japonês da UnB. Tal escolha se justifica pelo fato de que o objeto de estudo para este trabalho perfaz os moldes de um estudo limitado por particularidades de um fenômeno e não por amostragem ou quantidade expressa de indivíduos a serem estudados ou questionados. Neste tipo de estudo, o pesquisador poderá examinar os dados e extrair temas ou questões variadas, poderá ainda buscar indícios de padrões e buscar uma forma de tentar explicá-los. Parte-se do pressuposto de que a análise feita pelo pesquisador não é a única possível ou correta, mas espera-se que ofereça elementos suficientes (provas, indícios) de modo que o leitor possa julgar a credibilidade do relato e a pertinência das interpretações. É evidente que a escolha de uma determinada forma de pesquisa depende antes de tudo da natureza do problema que se quer investigar e das questões específicas que estão sendo formuladas. No entanto, é útil ponderar seus pontos fortes e fracos para que se saiba mais claramente o que se ganha ou o que se perde quando se faz essa opção.

A respeito da pesquisa qualitativa Oliveira (2003, p. 64) afirma ser uma: “[...] tentativa de entender em profundidade o significado e as

características do resultado das informações obtidas sem a mensuração quantitativa [...]". Já Demo (1995, p.71) diz ser a "realidade científica pela qual descobrimos a realidade". Minayo (apud SEABRA, 2001, p.52) entende como sendo o "fenômeno de aproximações sucessivas da realidade, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados".

Não obstante, Minayo (apud SEABRA, 2001, p. 55), reflete que a pesquisa qualitativa:

Aborda um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Novamente, Minayo (apud SEABRA, 1993, p.52) lembra que "a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado".

Para Gonçalves (2007, p. 69) a pesquisa qualitativa "preocupou-se com a compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão às suas práticas [...]".

Assim, a partir dos diversos entendimentos sobre a pesquisa qualitativa, nota-se por reflexão da citação adiante exposta, dispor essencialmente da peculiaridade de procurar explicar a realidade de maneira pormenorizada dos resultados e ensinamentos alcançados sem mensurações quantitativas. Nesse sentido, Oliveira (2007, p. 37) expõe que:

São muitas as interpretações que se tem dado à expressão pesquisa qualitativa e atualmente se dá preferência à expressão abordagem qualitativa. Entre os mais diversos significados, conceituamos abordagem qualitativa ou pesquisa qualitativa, como sendo um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para a compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação. Esse processo implica em estudo segundo a literatura pertinente ao tema,

observações, aplicação de questionário, entrevistas e análise de dados, que deve ser apresentada de forma descritiva.

Seguindo indicações de Nisbett e Watts (1978) pode-se caracterizar o desenvolvimento dos estudos de caso em três fases: exploratória ou de definição dos focos de estudo; fase de coleta dos dados ou de delimitação do estudo; e fase de análise sistemática dos dados. Essas são apenas linhas gerais ou grandes referências para a condução dos estudos de caso, pois a pesquisa é uma atividade criativa e como tal pode requerer conjunção de duas ou mais fases em determinados momentos, ênfase maior em uma delas em outros e superposição em muitos outros.

Ao rever definições de estudo de caso de diferentes autores, Merriam (1988) concluiu que quatro características são essenciais num estudo de caso qualitativo: particularidade, descrição, heurística e indução. E ela explica cada uma delas. Estudo de Caso Etnográfico, (2012, p. 17-18) com adaptações:

Particularidade significa que o estudo de caso focaliza uma situação, um programa, um fenômeno particular. O caso em si tem importância, seja pelo que releva sobre o fenômeno, seja pelo que representa. É, pois, um tipo de estudo adequado para investigar problemas práticos, questões que emergem do dia-a-dia.

Descrição significa que o produto final de um estudo é uma descrição “densa” do fenômeno em estudo.

Heurística significa que os estudos de caso iluminam a compreensão do leitor sobre o fenômeno estudado. Podem revelar a descoberta de novos significados, estender a experiência do leitor ou confirmar o já conhecido. “Espera-se que relações e variáveis desconhecidas surjam dos estudos de caso, levando a repensar o fenômeno investigado”, como afirma Stake (MERRIAN, 1988).

Indução significa que em grande parte, os estudos de caso se baseiam na lógica indutiva. “Descoberta de novas relações, conceitos, compreensão, mais do que verificação ou hipóteses pré-definida caracteriza o estudo de caso qualitativo” (MERRIAM, 1998, p.13).

Nessa perspectiva, conforme proposta de pesquisa percebe-se que o método qualitativo é adequado para o presente trabalho no qual procuramos analisar a realidade através da utilização de técnicas (vide na íntegra o tópico Metodologia) para a compreensão detalhada do nosso objeto de estudo no contexto pedagógico da UnB. O estudo de caso deve ser um retrativo da situação investigada, tomada em suas múltiplas dimensões e complexidades próprias. O pesquisador tem, assim, certa obrigação de apresentar as interpretações diferentes que diferentes grupos ou indivíduos têm sobre uma mesma situação e deve fazê-lo de tal forma que possibilite uma variedade de interpretações por parte do leitor.

Nunan (1992, p. 79) diz que um caso é um único exemplo de uma classe de objetos ou entidades, e um estudo de caso é a investigação desse único exemplo no contexto em que ele ocorre [1]. E ainda JOHNSON (1992, p.76) defende que a unidade de análise pode ser um professor, sala de aula, escola, agência, instituição ou uma comunidade. [...] o número de casos é sempre pequeno porque a essência da abordagem do estudo de caso é um olhar cuidadoso e holístico em casos particulares; o objetivo do estudo de caso é descrever o caso num contexto [2].

[1] Text original: “a case is a single instance of a class of objects or entities, and a case study is the investigation of that single instance in the context in which it occurs.”

[2] Text original: “The unit of analysis (i.e., the case) might also be a teacher, a classroom, a school, an agency, an institution, or a community. (...) The number of cases is always small, however, because the essence of the case-study approach is a careful and holistic look at particular cases. The purpose of a case study is to describe the case in its context”.

3.2 Contexto da Pesquisa

O contexto da pesquisa se dá no curso de Graduação e Licenciatura em Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília (UnB) / Brasília-DF.

Por esse contexto, de acordo com o próprio⁵ (site do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução Área de Japonês da UnB) temos a seguinte narrativa:

“Em maio de 1979, representantes da Embaixada do Japão e da Universidade de Brasília iniciaram conversações com vistas a introduzir aulas de japonês na UnB. Dois anos depois a professora Alice Tamie Joko começou a ensinar japonês nessa universidade com o aporte financeiro da Fundação Japão. Os primeiros cursos foram ofertados no Programa de Extensão. Passado apenas um ano, no entanto, o extinto Departamento de Letras e Linguística (LEL) protocolou pedido de criação de quatro disciplinas curriculares de língua japonesa junto ao Decanato de Ensino e graduação. Com isto, duas turmas de Língua Japonesa 1 puderam ser ofertadas no segundo semestre de 1983. Até a contratação da professora Alice para o quadro permanente da UnB em 1986, o número de disciplinas oferecidas foi-se ampliando a cada ano. Após a contratação da professora Alice, o LEL solicitou que a Fundação Japão mantivesse seu programa de auxílio (Institutional Project Support Program). Mais dois níveis de língua foram criados, perfazendo assim seis níveis de língua e dois de cultura japonesa. Com a abertura do curso noturno de Letras-Japonês, em março de 1997, o professor Ronan passou para o quadro permanente do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET)... Com a restrição governamental à contratação de novos professores nas universidades federais, a área de japonês contou sistematicamente com a colaboração de professores-substitutos para cobrir o fluxo de disciplinas que a UnB oferecia (curriculares/ optativas/ extensão). Em 2001, um total de 359 alunos estudava japonês nesta universidade. O ensino de Japonês na UnB é ofertado em diversas modalidades: Curso regular de Letras-Japonês no período noturno (127 alunos), Japonês como disciplina optativa para os demais cursos de Graduação da UnB (112 alunos), UnB Idiomas (Extensão) contando com (120 alunos). A administração da UnB, ciente da importância do curso, permitiu a realização de concursos públicos para suprir a necessidade de corpo docente para a área de japonês, aproveitando o Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) do MEC (Ministério da Educação e Cultura)”.

Esses dados foram extraídos do próprio sítio do departamento de Línguas Estrangeira e Tradução (LET) da agência de notícias da Universidade de Brasília (UnB). O ensino da língua japonesa chegou à Universidade de Brasília em 1981, junto com a professora Alice Joko. Descendente de japoneses, Alice Joko é formada em Letras-Japonês pela

⁵Disponível:

<http://www.let.unb.br/japones/index.php?option=com_content&view=article&id=6&Itemid=2>.

Acesso em: 13 fev. 2013.

Universidade de São Paulo (USP), ela ministrou as primeiras aulas da língua oriental na UnB, quando ainda eram oferecidas como curso de extensão.

Em 1983, o curso virou disciplina optativa. Em 1997, foi criada a habilitação em Língua Japonesa no curso de Licenciatura em Letras que é ofertado pela UnB. Esses dados foram obtidos através do departamento de agência de notícias da Universidade supracitada.

De acordo com o Professor MUKAI (2009) no qual leciona há anos a língua japonesa na referida Instituição, o curso de Japonês é dividido em dois níveis, o básico e o intermediário. O nível básico corresponde ao período dos quatro primeiros semestres, onde as aulas teóricas e práticas da língua são obrigatórias.

As aulas teóricas remetem ao estudo da língua na forma escrita com ênfase no estudo da gramática e conteúdo lexical, ao passo que as aulas práticas, também de caráter obrigatório, exploram a oralidade e loquacidade do idioma japonês.

O nível intermediário abrange do quinto ao nono semestre, onde as aulas de teoria e prática se fundem e resultam em uma única disciplina, ou seja, a partir do quinto semestre é feita a unicidade da teoria e prática.

No nono semestre, geralmente, os alunos não cursam disciplinas de língua, sendo esse período reservado para a compilação e elaboração final de TCC (Trabalho de Conclusão de Curso).

A distribuição dos níveis do curso pode ser mais bem compreendida no quadro a seguir:

TABELA 1: DISTRIBUIÇÃO DE DISCIPLINAS DE JAPONÊS NO SEMESTRE

Semestre	Nível	Disciplinas Obrigatórias
1° ao 4°	Básico	Japonês 1 ao 4 Prática Oral e Escrita 1 ao 4
5° ao 8°	Intermediário	Japonês 5 ao 8

3.3 Participantes da Pesquisa

Os participantes são 5 ex-alunos do curso de Graduação em Língua e Literatura Japonesa da UnB. Todas as informações reproduzidas a partir dos questionários e entrevistas realizadas com estes mesmos 5 ex-alunos do curso supracitado foram feitas de forma anônima, ou seja, o nome verídico dos participantes não será revelado.

Tal procedimento foi feito com o intuito de resguardar o sigilo e confidencialidade dos participantes. Em termos epistemológicos, Análise de Viabilidade determina se algo é realizável ou não. Para a viabilidade desta pesquisa, foi selecionado critérios para a participação dos entrevistados:

a) Todos os participantes são ex-alunos (não descendentes de japoneses) do curso de Letras-Japonês da UnB e que abandonaram ou migraram do mesmo em períodos próximos, conforme demonstra a Tabela 2 adiante.

b) Proximidade da faixa etária.

A partir da seleção dos critérios estabelecidos e para uma menor margem de discrepância de variáveis cronológicas, fez-se necessário contatar participantes dentro do perfil adotado para uma maior viabilidade da pesquisa.

Todos os participantes foram contatados por meio eletrônico (e-mail). Por serem conhecidos das minhas redes sociais, foi possível realizar um contato mais rápido.

TABELA2: BACKGROUND DOS PARTICIPANTES

Identificação dos Participantes	Sexo	Idade	Ingresso	Abandono
Participante 1 - Nome Fictício: Márcio Maia	Masculino	26 anos	2007	2009

Participante 2 - Nome Fictício: Antônio	Masculino	29 anos	2006	2010
Participante 3 – Nome Fictício: João Carlos	Masculino	30 anos	2005	2008
Participante 4 – Nome Fictício: Daniel	Masculino	26 anos	2006	2010
Participante 5 – Nome Fictício: Samuel	Masculino	28 anos	2006	2010

3.4 Instrumentos de Coleta de Dados

3.4.1 Questionário Misto

Perguntas do tipo fechadas e também do tipo aberta.

O questionário é composto de 10 questões do tipo aberto e 14 questões do tipo fechado com itens em escalas.

As questões do tipo fechadas foram baseadas no BALLI⁶ (HORWITZ, 1987) e adaptadas para o contexto do presente trabalho. Originalmente, o BALLI é composto de 34 perguntas do tipo fechado, as quais devem ser respondidas de acordo com o nível de concordância e discordância do aprendiz

⁶ BALLI = Nas duas últimas décadas, o tema de crenças sobre aprendizagem de línguas, vem atraindo consideráveis pesquisas nessa área. A primeira a realizar uma pesquisa sistemática sobre a natureza das crenças de aprendizagem de línguas foi Elaine Horwitz da Universidade do Texas em Austin, que desenvolveu as crenças sobre Inventário de Aprendizagem de Línguas (BALLI). Este instrumento já foi utilizado para avaliar as crenças dos alunos por muitos pesquisadores.

se: (1) Concorda plenamente, (2) concorda, (3) não concorda e nem discorda; (4) discorda; (5) discorda completamente; ou (1) muito difícil (); (2) difícil (); (3) moderado (); (4) fácil (); (5) muito fácil (). Como o BALLI foi desenvolvido para aprendizes de inglês como L2, buscamos adaptá-lo ao contexto e ensino-aprendizagem de japonês como LE. O questionário da presente pesquisa foi, então, composto de 14 questões do tipo fechado com itens em escalas, relacionadas às crenças sobre fatores motivacionais e cognitivos que culminaram em conseqüente abandono do curso.

O questionário misto serviu como fonte para saber dos próprios 5 ex-alunos onde se alojam as dificuldades e barreiras por eles encontradas para a aprendizagem da língua japonesa e, também, identificar os fatores motivacionais e/ou cognitivos que os fizeram abandonarem o curso.

O questionário foi aplicado no período compreendido entre março e junho de 2013.

3.4.2 Entrevista Semiestruturada

Foi feita uma entrevista semiestruturada com os 5 participantes da pesquisa, com o intuito de saber com mais profundidade as motivações do ingresso e as causas do abandono do curso de Letras-Japonês na UnB.

Tabela 3: **Entrevistas semiestruturadas**

Participante	Data da Entrevista	Duração da Entrevista
Participante 1	05/06/2013	6'26"
Participante 2	05/06/2013	5'06"
Participante 3	05/06/2013	6'17"
Participante 4	06/06/2013	9'03"
Participante 5	06/06/2013	7'34"

Obs.: Quanto aos depoimentos, vide apêndices D e F.

3.5 Procedimentos de Análise de Dados

- a) Coleta dos registros referentes às motivações/desmotivações em estudar a língua japonesa;
- b) Identificação das motivações/desmotivações, causas do abandono do curso;
- c) Descrição das motivações/desmotivações, causas do abandono do curso;
- d) Categorização/ Agrupamento;
- e) Análise e interpretação sobre as motivações/desmotivações e as causas do abandono do curso pelos ex-alunos.

4 Resultados

Todas as informações aqui reproduzidas foram feitas de forma anônima, ou seja, o nome verídico dos participantes não foi revelado.

A partir dos questionamentos abaixo respondidos pelos 5 participantes foram expressas em forma de gráfico as afirmações e assertivas correspondentes de cada participante.

As questões elencadas e analisadas logo em seguida auxiliam no entendimento sobre aspectos da motivação inicial para estudar a língua japonesa com todas as suas peculiaridades a nível lexical e sintático comparado com o português.

4.1 Análises dos Dados

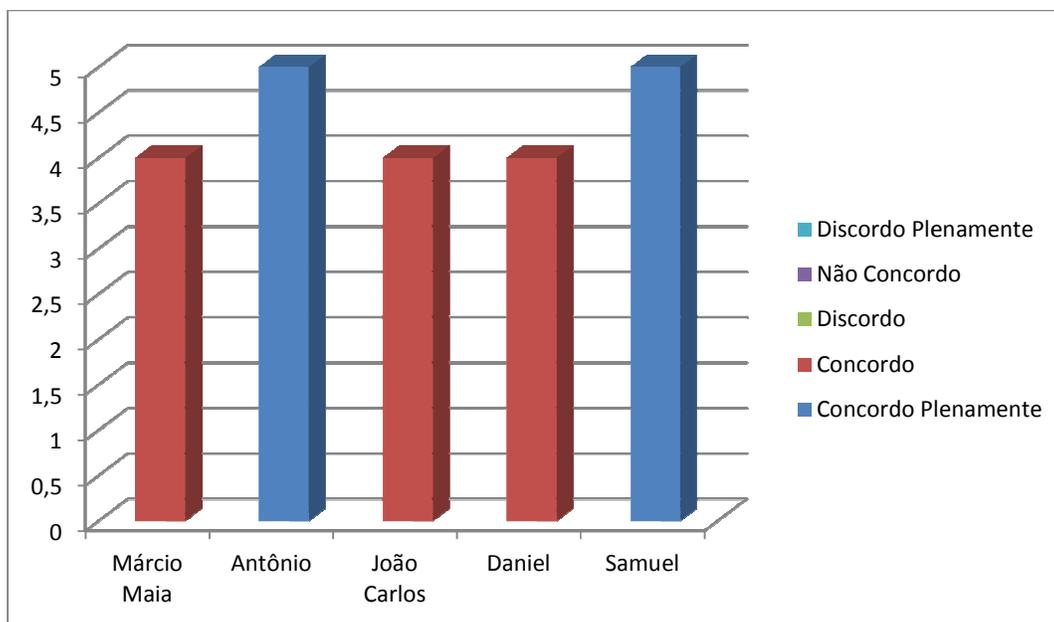
O questionário misto que integra a pesquisa de campo deste trabalho visa compreender dificuldades existentes no desenvolvimento do processo cognitivo para o aprendizado do idioma japonês, bem como apontar elementos que influenciam no processo ensino-aprendizagem do idioma supracitado como língua estrangeira.

Além disso, a proficiência no idioma japonês por parte dos estudantes também foi questionada e analisada segundo suas crenças e opiniões.

Os itens avaliados neste tópico buscam evidenciar o valor pragmático e crenças apontadas pelos participantes no que concerne ao aprendizado do idioma japonês.

Aqui serão explanados e comentados alguns itens extraídos do questionário misto da presente pesquisa. Os gráficos apresentados logo abaixo possuem uma escala que varia de 1 a 5 pontos. Sendo esses pontos atribuídos à valoração que os participantes aferiram em concordar ou não com as perguntas. Na legenda* estão detalhados os respectivos valores que contém os gráficos.

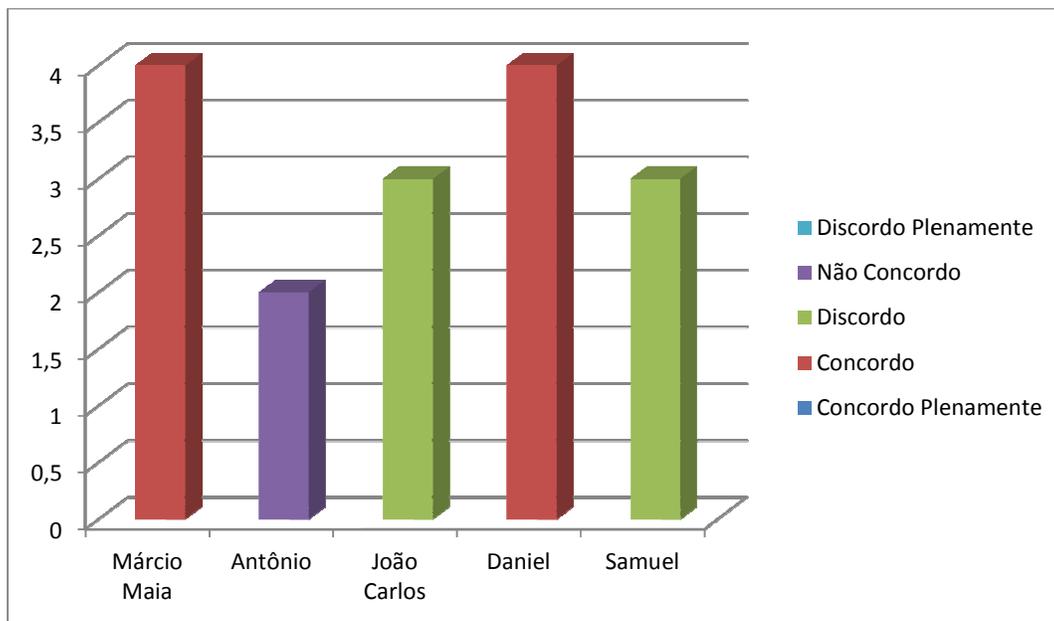
Questão 1 – A aprendizagem do idioma Japonês é difícil:



Obs.: (1) Concorda plenamente => 4 até 5 pontos, (2) concorda => 3 até 4 pontos, (3) não concorda e nem discorda =>2 até 3 pontos; (4) discorda => 1 até 2 pontos; (5) discorda completamente =>0 até 1 ponto.

Observa-se que nessa pergunta os resultados apontados pelo gráfico apontam uma unanimidade entre os participantes de que a aprendizagem do idioma japonês é difícil, sendo que Antônio e Samuel aferiram ser muito difícil.

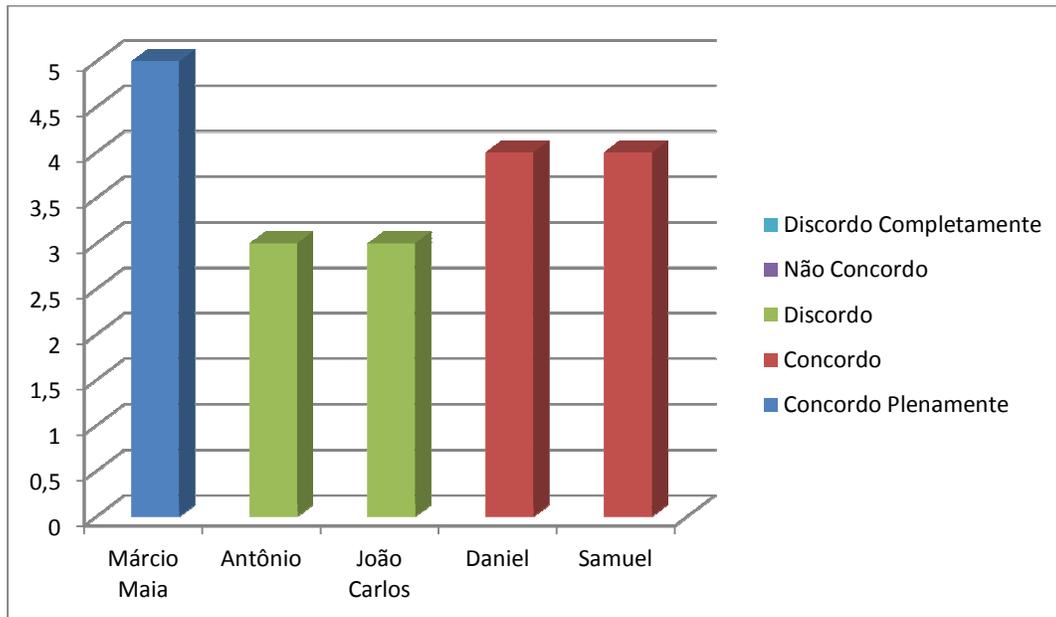
Questão 2 – É necessário saber sobre a cultura japonesa para se falar japonês:



Obs.: (1) Concordo plenamente => 4 até 5 pontos, (2) concorda => 3 até 4 pontos, (3) não concorda e nem discorda =>2 até 3 pontos; (4) discorda => 1 até 2 pontos; (5) discorda completamente =>0 até 1 ponto.

Na questão 2 houve uma expressiva variedade nas respostas dadas pelos dos participantes; sendo que os participantes Márcio Maia e Daniel concordam plenamente com a necessidade em saber sobre a cultura japonesa para se falar em japonês; Antônio diz apenas não concordar com a mesma; por outro lado, João Carlos e Samuel são coniventes com a ideia da questão.

Questão 3 – É importante falar japonês com uma excelente pronúncia:



Obs.: (1) Concordo plenamente => 4 até 5 pontos, (2) concorda => 3 até 4 pontos, (3) não concorda e nem discorda => 2 até 3 pontos; (4) discorda => 1 até 2 pontos; (5) discorda completamente => 0 até 1 ponto.

Na questão 3 obtivemos novamente um desequilíbrio nas respostas dos participantes. Antônio e João Carlos não concordam com o fato de que para se falar japonês é necessário desenvolver uma excelente pronúncia. Já Márcio Maia, Daniel e Samuel são coniventes com a questão.

4.2 Motivos do Ingresso no curso de Letras-Japonês

Neste tópico os dados foram limitados apenas com a resposta mais importante proferida pelos participantes, ou seja, a análise e diagnóstico dos mesmos se encontram no tópico 4.6 deste trabalho.

Márcio Maia

[1] Interesse pela Língua e Cultura Japonesa.

Antônio

[2] Interesse pela Língua e Cultura Japonesa.

João Carlos

[3] Interesse pela Língua e Cultura Japonesa.

Daniel

[4] Interesse pela Língua e Cultura Japonesa.

Samuel

[5] Interesse pela Língua e Cultura Japonesa.

Nota-se aqui, que foi constatada uma uniformidade nas respostas dos participantes em relação ao quesito motivacional que se deu no ingresso no Curso de Letras-Japonês.

4.3 Causas do Abandono do Curso de Letras-Japonês

Neste tópico os dados foram limitados apenas com a resposta mais importante proferida pelos participantes, ou seja, a análise e diagnóstico dos mesmos se encontram no tópico 4.6 deste trabalho.

Márcio Maia

[6] Perda do interesse pela cultura japonesa, decepção com o próprio nível no idioma.

Antônio

[7] Desmotivação, didática de difícil assimilação e ainda ausência de mercado de trabalho.

João Carlos

[8] A necessidade de dinheiro me fez dar maior importância a busca de trabalho, com isso eu tive que conseguir um emprego que me pagasse mais. Aumentei a carga de horas trabalhadas, mas não consegui sustentar as duas atividades de forma satisfatória (estudo e trabalho), até que culminou em abandono do curso.

Daniel

[9] Desmotivei-me, pois entrei em um curso em que possui um plano de aula obsoleto e não atendia as minhas expectativas quanto à inovação da forma de aprender um idioma estrangeiro.

Samuel

[10] Decepção com o curso no sentido profissional (mercado de trabalho).

Sistematização desta seção. Depreende-se dos depoimentos acima que existe uma expressiva congruência nos motivos que culminaram em abandono de curso. Motivos peculiares de cada participante, porém com notável desmotivação por parte de todos.

4.4 Limitações da Pesquisa (número de participantes e estudo de caso)

Um estudo de caso é feito com limitações de pesquisa. Nesta pesquisa, 5 ex-alunos do curso de Letras-Japonês da UnB participaram da mesma. Por isso, a conclusão aqui alcançada se limita a esse estudo de caso e não pode ser generalizada. Os participantes desistiram do referido curso por causas ora similares, ora discrepantes, ou seja, obteve-se aqui, congruência e divergência de motivos que culminaram em abandono do curso.

Como já dito no tópico Metodologia deste trabalho, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista e interpretativa para o mundo, isto significa dizer que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender ou interpretar os fenômenos, em termos dos significados que as pessoas a eles conferem. (DENZIN, LINCOLN; 2006; P.17).

Ainda, segundo MACKAY,GASS (2005), o método qualitativo não tem como objetivo fazer generalizações sobre os resultados.

Adicionalmente, Hamel (1993) diz que o estudo de caso não é um método específico de pesquisa, mas uma forma particular de estudo.

4.5 Diagnósticos sobre possíveis fatores motivacionais e/ou cognitivos do abandono do curso.

Neste tópico a análise foi feita de forma individual e ao mesmo tempo correlata entre os participantes da pesquisa. A revisão de Literatura também foi inserida de forma análoga às declarações obtidas na entrevista com os participantes.

A partir da análise das respostas apresentadas pelos cinco ex-alunos, mediante preenchimento do questionário misto e respostas fornecidas na entrevista semiestruturada, foi possível expor os resultados dos dois instrumentos de pesquisa que ora se discutem.

Todas as dez perguntas do questionário misto foram respondidas, assim como as oito indagações realizadas na entrevista semiestruturada, o que possibilitou a análise, principalmente no que se referem à categorização do ponto de vista da frustração, das dificuldades, da desmotivação e das causas que levaram os cinco ex-alunos a abandonarem o curso de língua e literatura japonesa.

De forma unânime, os ex-alunos declararam, como fator motivacional ao ingresso no curso de língua e literatura japonesa, o interesse pela cultura daquele país. O ex-aluno Márcio Maia em particular, acrescentou que, além deste motivo, alegou o fato de não ter obtido grau suficiente no PAS (Programa de Avaliação Seriada) para poder ingressar no curso de engenharia mecatrônica, que era inicialmente sua intenção. Não obstante, este ex-aluno manifestou curiosidade em aprender uma língua com escrita tão diferente e ainda declarou, assim como o ex-aluno Antônio, que o desejo de ingressar na UnB, por ser uma Universidade Federal, gratuita e conceituada, pesou sobremaneira na sua motivação; o participante Samuel defendeu o prazer em querer ler textos de mangá na versão original em japonês como uma grande arma

motivacional; Daniel, por sua vez, alegou o mesmo motivo. Já João Carlos considerou além do interesse, a curiosidade em aprender línguas estrangeiras além do japonês.

Conforme exposto na revisão da literatura, a motivação para aquisição de uma segunda língua, segundo Schutz (2003), constitui-se de um processo complexo e que leva em consideração variável circunstancial, individual e dinâmica. Neste sentido, os dois ex-alunos demonstraram possuir motivações ora similares ou diversas, cada qual com suas argumentações próprias. Na análise de Pontes et.al., (2007), o processo de aquisição de uma segunda língua “é controlado por parte do aprendiz que constrói seu conhecimento e o modo de conseguir esse conhecimento”. Esta abordagem se trata, segundo os referidos autores, da Teoria Cognitiva de Castro.

Realizando esta análise sob o ponto de visto de Krashen (1978), especificamente com relação ao modelo monitor ou modelo de aquisição de uma segunda língua, o autor revela que o processo de aprendizagem do indivíduo é influenciado por desempenhos e intensidades diferentes, podendo fazer com que um indivíduo apresente maior facilidade para aprender uma segunda língua que outro.

Prosseguindo com a análise, Márcio Maia, quando ingressou no curso de língua e literatura japonesa, declarou não ter possuído significativo conhecimento anterior sobre a língua japonesa. Antônio, por outro lado, afirmou que já possuía algum conhecimento e que este se deve a um curso realizado durante três anos, em uma escola particular de língua japonesa situada em Taguatinga (Distrito Federal-DF). Todos os 5 ex-alunos já tiveram contato com outros idiomas além do japonês e foram, ainda, questionados sobre a aquisição de uma terceira língua. Márcio Maia afirmou estar estudando ou, pelo menos, já ter estudado a língua inglesa durante 19 anos. João Carlos, por sua vez, declarou estar estudando a língua espanhola durante o ensino médio.

Com relação aos conhecimentos adquiridos na escrita e na fala do idioma japonês, Márcio Maia afirmou que embora tenha encontrado

dificuldades tornou-se capaz de entender os textos que eram trabalhados em sala de aula e de se comunicar em japonês de forma precária. Nesta questão, Antônio declarou que não se considera competente em razão de não estar mais realizando o curso e de não estar estudando o idioma japonês, mas que adquiriu um vocabulário básico na língua. João Carlos e Daniel consideravam ter domínio básico do idioma japonês na época que ainda estavam no curso de Letras Japonês e Samuel, por sua vez, alegou desenvolvimento no quesito competência do idioma japonês com o passar dos semestres.

Sobre esse aspecto, Nascimento et.al. (2008) mencionaram a teoria dos Universais Linguísticos de Chomsky, classificada em dois pontos. O primeiro refere-se à aprendizagem do conteúdo gramatical de determinada língua e o segundo ponto às estruturas universais da língua.

Especificamente sobre as grandes dificuldades deparadas pelos 5 ex-alunos e ainda sobre as frustrações sentidas durante o período em que realizaram o curso de línguas e literatura japonesa, Márcio Maia mencionou que o nível de aprendizagem requerido era muito alto e que o grau de dificuldade se intensificava com o passar do semestre. Relatou que a quantidade de *kanjis* (ideogramas) e estruturas gramáticas exigidas também contribuíram para dificultar o aprendizado. Outro fator dificultador no período foi a exigência da prática sistemática da fala. Para Antônio, durante o curso, o mesmo não forneceu aos alunos os meios didáticos necessários e suficientes. Daniel disse que o material didático além de defasado era obsoleto. Segundo ele, o material do curso era muito antigo, mencionando ainda a falta de paliativos didáticos.

Para Nascimento et.al. (2008) os aprendizes de uma segunda língua podem apresentar maiores dificuldades no processo de aprendizagem das regras gramaticais. Assim sendo, a parte gramatical, segundo os autores deve ser trabalhada mais frequentemente e de forma mais dinâmica.

Para que uma pessoa se torne competente no idioma japonês, Márcio Maia revelou que disciplina, prática e organização são condições imprescindíveis. De acordo com João Carlos, além de dedicação, prática oral e escrita, um intercâmbio contribuiria para este processo. Samuel defendeu o contato com nativos da língua um quesito essencial. João Carlos e Samuel

evidenciaram o intercâmbio como potencial desenvolvimento na competência do aprendiz do idioma

As considerações dos 5 ex-alunos vão de encontro com a abordagem de Nascimento et.al. (2008, p.4), a qual defende que “o domínio de uma segunda língua só acontecerá através do envolvimento do aprendiz em uma ação recíproca com a língua”.

No período em que era aluno do curso de língua e literatura japonesa, Márcio Maia afirmou que as técnicas e recursos de aprendizagem utilizados para o estudo se baseavam na resolução dos exercícios propostos, na leitura dos textos e no treinamento com outros colegas. Antônio, por sua vez, utilizava-se da repetição constante do vocabulário e da leitura de textos. Samuel acredita que a repetição de exercícios é fundamental para a fixação do conteúdo a ser absorvido. Para João Carlos e Daniel, os filmes também contribuía para o processo de assimilação da língua e dos costumes.

Foram questionados sobre as estratégias de aprendizagem julgadas imprescindíveis para o desenvolvimento de habilidades cognitivas no estudo do idioma japonês. Segundo Márcio Maia, a vivência com a língua japonesa mediante acompanhamento de mídias, jornais, livros e nas conversas do dia a dia, além da resolução de exercícios são estratégias consideradas. Nesta questão Antônio foi objetivo e argumentou que a repetição constante da língua é a única e melhor estratégia a ser adotada. Dando sequência a este último raciocínio, João Carlos e Samuel postulam o autodidatismo como ponto de partida para a ramificação de estratégias a serem atingidas. Daniel se ocupa em frisar que é necessário o estudo diário, tanto da utilização das estruturas quanto de vocabulário, além dos ideogramas, que merecem uma atenção especial e uma aproximação da cultura japonesa, que é de fundamental importância para entender o funcionamento do idioma; Daniel inclui também (em seu depoimento na entrevista semiestruturada), a esse rol de crenças, o convívio próximo com falantes nativos para que se possa exercer o pleno uso da língua japonesa em todas em suas formas e expressões.

Nesse sentido, Pontes et.al., (2007) afirma que, segundo as propostas de Revuz, o aprendiz usa estratégias, muitas vezes no nível imaginário do intradiscorso, que facilitam a aprendizagem contribuindo para uma melhor comunicação. Segundo os autores alguns aprendizes se utilizam de estratégias

como a repetição, não se preocupando com o domínio do vocabulário ou com sua compreensão.

No que se refere às razões que fizeram com que os ex-alunos abandonassem o curso, considerando nesta questão o sentimento de desmotivação, Márcio Maia relatou que no início enfrentou dificuldades por não estar habituado com o ensino de um idioma oriental; essa analogia se refere, por exemplo, com o ensino de inglês ou espanhol que são disciplinas oferecidas regularmente durante a vida escolar. Márcio Maia confessou que não conseguia acompanhar os demais colegas do curso, embora tenha, com o tempo, se acostumado e alcançado o ritmo da turma. Sobre outro aspecto, este ex-aluno ao analisar as possibilidades e oportunidades no mercado de trabalho, percebeu que não teria muito êxito. Além disso, avaliou-se como sendo um aluno que não possui muito interesse pela prática da leitura e da pesquisa. A perda pelo interesse na cultura japonesa e ainda a decepção com o nível dos estudos que não estava sendo proporcional ao tempo despendido para se dedicar ao idioma, encerram as argumentações apresentadas por Márcio Maia. Nesta mesma questão, Antônio apresenta como causas por ter abandonado o curso: a desmotivação, em razão de problemas enfrentados com alguns professores; didática de assimilação longa, uma vez que cada professor adota métodos de ensino, muitas vezes, extremamente diferentes; e, assim como Márcio Maia, ausência de oportunidades no mercado de trabalho.

Samuel se expressou da seguinte forma:

[11] Percebi logo cedo que o curso de Japonês estava bastante distante do que era a Universidade de Brasília e a academia, que o que se fazia ali era como em uma escola de línguas ruim, onde não havia espaço para pesquisa nem para a discussão de ideias sobre o modelo de curso ou sobre o próprio aprendizado da língua, mesmo sendo um curso de licenciatura. Em dado momento já não via mais gosto em assistir às aulas repetitivas, que pouco ou nada acrescentavam ao meu desenvolvimento e ainda sofrer certo preconceito por parte de alguns professores. Desmotivei-me, pois entrei em um curso em que poderia fazer pesquisas, que os professores fossem mais interessados em aprender do que meramente repetir um plano de aula obsoleto e se pusessem em um real desenvolvimento de método e de aprendizagem. (ES⁷)

⁷ ES = Entrevista semiestruturada.

As argumentações apresentadas pelos ex-alunos podem ser avaliadas segundo a concepção de Fragozo (2011, p. 151), na afirmação onde a autora considera que “o aprendizado de línguas estrangeiras caracteriza-se como um processo bastante complexo, pois envolve muito mais do que a habilidade de produzir e compreender sentenças na língua-alvo”.

Nessa perspectiva, o aprendizado de uma segunda língua envolve não apenas questões didáticas, mas também o nível de relacionamento mantido com os professores, o estímulo e a cooperação entre estes e os demais colegas.

Outro fator importante a ser analisado é a questão da utilização da língua no mercado de trabalho. Sobre este aspecto, os ex-alunos entrevistados apontaram como sendo uma das razões para o abandono do curso. De fato, a língua inglesa é a mais requerida pelos empregadores.

Em seguida, a fluência na língua espanhola, francesa e italiana, entre outras, dão sequência na lista de critérios de seleção impostos pelas empresas para contratação.

A Tabela 4 adiante mostra em percentual os idiomas mais procurados.

TABELA 4 – IDIOMAS MAIS PROCURADS NO MERCADO DE TRABALHO.

Idioma	%
Espanhol	19,3
Francês	2,8
Alemão	2,0
Italiano	1,5
Japonês	0,6
Outros	1,3

Fonte: ADAPTADO DE ARRUDA (2009).

Finalmente, para concluir a análise dos resultados obtidos mediante aplicação do questionário misto, os ex-alunos foram questionados se regressariam para o curso de língua e literatura japonesa. Márcio Maia respondeu que não retornaria para o curso de graduação, uma vez que decidiu não atuar profissionalmente nas áreas em que necessita de conhecimentos específicos desta língua.

Por outro lado, todos os demais afirmaram decididamente que não retornaria ao curso, alegando que, conforme mencionado anteriormente, o mercado de trabalho nesta área não é atrativo.

Diante do todo exposto, e tendo por escopo de análise o atendimento dos objetivos de pesquisa propostos, tem-se, resumidamente, que:

- a) As principais motivações dos 5 ex-alunos para o ingresso no curso de Letras-Japonês da UnB foi o interesse pela cultura japonesa e o fácil acesso ao ingresso no referido curso.

- b) As principais causas responsáveis pelo abandono do curso por parte dos ex-alunos foram: dificuldades com os métodos de ensino adotados pelos professores do curso de letras-japonês; falta de oportunidades no mercado de trabalho; perda de interesse sobre a cultura japonesa; decepção com o próprio nível da fluência no idioma (considerando-se o tempo de estudo); e desmotivação natural (sem causa aparente) com o curso.

Em outra visão, e seguindo o processo de categorização/agrupamento, com o qual se podem avaliar os argumentos levantados e que dizem respeito à frustração, dificuldades, desmotivação e motivos que levaram os cinco ex-alunos a abandonarem o curso de língua e literatura japonesa, apresenta-se a Tabela 5 adiante.

Foram mesclados os dados dos participantes tanto no questionário misto quanto na entrevista semiestruturada para a produção da tabela a seguir.

Tabela 5 – Categorização/agrupamento de razões para ingresso e abandono do curso de Letras-Japonês.

Argumentos	Márcio Maia	Antônio	João Carlos	Daniel	Samuel
Motivos de ingresso	Interesse pela cultura japonesa.	Interesse pela cultura japonesa.	Interesse pela cultura japonesa.	Interesse pela cultura japonesa.	Interesse pela cultura japonesa.
Dificuldades - Frustração	Material didático antigo, método de ensino em desigual avanço conforme os semestres.	Didática ruim, material de estudo obsoleto, ausência de atividade extracurricular que motive os alunos.	Quantidade enorme de Kanjis (ideograma) e tempo que deveria ser assimilado com o progredir do curso	Falta de interação e um maior entrosamento com o corpo discente	Acúmulo desproporcional da carga de estudos comparado de um semestre para o outro após o quarto semestre
Motivos de abandono - Desmotivação	Perda de interesse pela cultura japonesa, decepção com o próprio nível adquirido no idioma.	Desmotivação, didática de difícil assimilação, ausência de mercado de trabalho.	A necessidade e de dinheiro e a insatisfação com o mercado de trabalho	O curso não atendia as suas expectativas quanto à inovação da forma de aprender um idioma estrangeiro	Decepção com o curso no sentido profissional (mercado de trabalho)

Fonte: PESQUISA MISTA APLICADA PELO AUTOR DESTE TRABALHO.

Em suma, a tabela acima discrimina os motivos de abandono/desmotivação relatados pelos 5 participantes da pesquisa, e também, as dificuldades e frustrações durante o curso, e por fim, os motivos do ingresso no curso.

5 CONCLUSÃO

5.1 RETOMANDO AS PERGUNTAS DE PESQUISA

Retomando o tópico problemas de pesquisa deste presente trabalho temos os seguintes questionamentos:

Quais foram os obstáculos enfrentados pelos 5 ex-alunos do curso de Língua e Literatura Japonesa para a aprendizagem do idioma japonês?

Por que estes mesmos ex-alunos abandonaram o curso?

Após analisar os dados isolados de cada participante no Tópico Resultados, podemos miscigenar de forma genérica, (porém com a ressalva que um estudo de caso não se perfaz de forma terminantemente conclusiva em universo geral e epistemológico), as elucidações aqui procedidas:

Conclui-se então, a partir das informações prestadas pelos participantes da pesquisa que o interesse inicial para cursar Letras-Japonês, foi (por unanimidade entre os participantes) a primazia em gostar da língua e cultura japonesa e que é por sinal bem difuso no contexto da pesquisa do estudo de campo.

Foi também para o participante Márcio Maia uma consequência de opção que restou para que o mesmo ingressasse em um curso de nível superior. Deste modo, como o esse estudante almejava cursar uma faculdade, e foi aprovado no curso de Letras-japonês, ele resolveu seguir em frente e começar seus estudos na língua japonesa.

Não obstante, para que se possa concluir o curso, a dedicação ao idioma japonês é necessária, porém não significa dizer que é imprescindível que já se tenha estudado a língua antes mesmo de entrar na universidade.

Dito isso, a maior parte dos entrevistados, se encaixam no perfil de não terem um nível de proficiência acima do básico antes de iniciar a faculdade. De acordo com o próprio relato dos participantes, nos semestres iniciais do curso,

é relativamente fácil acompanhar as aulas, realizar as tarefas solicitadas e dar continuidade no estudo, porém com o passar dos semestres, o nível exigido vai se tornando cada vez maior e em real desproporção ao que era requisitado no começo.

A partir de então, sucessivas reprovações em disciplinas obrigatórias do curso e os remanescentes e expressivos desempenhos negativos obtidos nas avaliações, somam-se para um conseqüente desequilíbrio emocional e culminante pensamentos frequentes no que diz respeito em dar ou não continuidade no curso.

Em seqüência, o abandono do curso de Letras-Japonês, por parte dos entrevistados, começa a ganhar sentido e se enquadra em realidade conferida no Tópico Gráficos e Dados no Tópico Anexo A deste trabalho.

Uma alegação quase unânime e também um tanto quanto interessante foi o interesse pessoal em querer ingressar em uma universidade conceituada, pública e gratuita independentemente do interesse em concluir a graduação.

Conclui-se, ainda, que as barreiras enfrentadas pelos 5 ex-alunos na aprendizagem do idioma japonês são a desmotivação desencadeada com o desenrolar do curso de Letras-Japonês e também a falta de interesse em não querer concluí-lo por serem não se identificar com um futuro profissional na área correlata ao curso. Destaca-se ainda a facilidade que se tem de ingressar no curso, mas não a de concluí-lo de acordo com Gráficos e Dados no Tópico Anexo A deste trabalho.

5.2 Sugestões para futuras pesquisas

Esta pesquisa de Graduação em Letras-Japonês que visa compreender dificuldades existentes no desenvolvimento do processo cognitivo para o aprendizado do idioma japonês, bem como apontar elementos que influenciam no processo ensino-aprendizagem do idioma supracitado como língua estrangeira é uma resultante de questionários e entrevistas aqui utilizadas para serem em termos simplórios, premissas em teor piloto que poderão servir como um norte para pesquisas futuras acerca da temática e questionamentos elencados neste presente trabalho.

5.3 Contribuições da Pesquisa

Os motivos de abandono do curso de Letras-Japonês da Universidade de Brasília por parte dos 5 ex-alunos do curso supracitado (destaca-se aqui a facilidade que se tem de ingressar no curso, mas não a de concluí-

lo) são indícios de hipóteses que podem servir como respaldo para pesquisas futuras que venham discorrer sobre o abandono no estudo de língua japonesa na Universidade de Brasília ou em outras instituições que ofereçam o curso de Letras-Japonês.

Notou-se também através dos números e percentuais de desistência do curso de Letras-Japonês na UnB, que independentemente do fator motivacional em estudar a língua japonesa na UnB, seu ingresso é amplo, o que torna o número de ingressantes significativo e com as vagas ofertadas completamente preenchidas, porém a realidade do percentual de formados é bem diferente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARDUIN, Joana; VIEIRA, Vera R. A. Colocando em prática as teorias de aquisição de LE na rede pública. In: V: ENCONTRO DO CÍRCULO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO SUL, 5, 2002, Curitiba, PR. Anais. Curitiba, Mídia Curitibana, 2003. p. 633-638.

BBC Brasil. Aprender línguas estimula cérebro, diz pesquisa. Folha.com. 14 out. 2004. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u36085.shtml>>. Acesso em: 30 nov. 2011.

CALLEGARI, Marília Oliveira Vasques. Reflexões sobre o modelo de aquisição de segundas línguas de Stephen Krashen – uma ponte entre a teoria e a prática em sala de aula. **Trab. ling. aplic.** Campinas, 45(1): p. 87-101, jan./jun. 2006.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Orgs). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens.** Tradução de Sandra Regina Netz. 2. ed., Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 15-41.

FRAGOZO, Carina Silva. Cultura e sociolinguística no ensino e na aprendizagem de língua estrangeira. Fólio. **Revista de Letras.** Vitória da Conquista. v. 3, n. 1 p. 151-167, jan./jun. 2011.

GUALBERTO, Paulliny. O banho dos nikkeis. Disponível em: <http://www.fac.unb.br/revista20082/index.php?option=com_content&view=article&id=16:paulliny-gualberto&catid=1:aguas&Itemid=2>. Acesso em: 15 fev. 2012.

JUNG, Carlos Fernando. Metodologia científica: ênfase em pesquisa tecnológica. 3. ed. 2003. Disponível em: <<http://www.mecanica.ufrgs.br/promec/alunos/download/metodolo.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2011.

JOHNSON, D. M. **Approaches to Research in Second Language Learning.** 1. ed., Longman: Nova York, 1992.

KRASHEN, S. D. The monitor model for second-language acquisition. In: GINGRAS, R. C. (Ed.) **Second-language acquisition & foreign language teaching.** Washington: Center for Applied Linguistics, 1978.

LOPES, Glenda Rúbia. Crenças em estratégias de aprendizagem de línguas (inglês) de alunos de cursos de letras. 2007. 276 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada)-Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: <http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/1384/1/Dissertacao_2007_GlendaLopes.pdf>. Acesso em: 14 set. 2011.

MACKEY, A.; GASS, S. M. **Second Language Research: methodology and design**. 1. ed., New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2005.

MELO, Lélia Erbolato. **Tópicos de psicolinguística aplicada**. 3.ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

MONTREZOR, Bethania Márcia; SILVA, Alexandre Batista da. A dificuldade no aprendizado da Língua Inglesa. Artigo. **Cadernos UniFOA.**, agosto/2009.

NASCIMENTO, Francisco de Assis do. et al. **Como entender as principais teorias da LE**. Sobral, Ceará. 2008.

NASCIMENTO, Jaqueline Rodrigues do. **Indícios de desenvolvimento de competência aplicada de aprendizes de LE (inglês)**. 2009. 153 f., il. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada)-Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

NASI, Lara. O conceito de língua: um contraponto entre a Gramática Normativa e a Linguística. **Revista Urutágua** - Revista Acadêmica Multidisciplinar. Nº 13 – Ago/Set//Out/Nov – Quadrimestral – Maringá – Paraná, 2007.

NUNAN, D. **Research Methods in Language Learning**. 1. ed., Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Modelo monitor, hipótese do input ou da compreensão**. Disponível em: <<http://www.veramenezes.com/monitor.pdf>>. Acesso em: 01 mar. 2012.

PERFEITO, A. M. . Concepções de Linguagem, análise lingüística e proposta de intervenção. In: CLAPFL - I Congresso Latino-Americano de Professores de Línguas, 2007, Florianópolis. Anais do I congresso Latino-Americano de Professores de Língua. Florianópolis: EDUSC, 2007. p. 824-836. Disponível em:

<[http://www.cce.ufsc.br/~clafpl/74 Alba Maria Perfeito.pdf](http://www.cce.ufsc.br/~clafpl/74_Alba_Maria_Perfeito.pdf)>. Acesso em: 12 set. 2011.

PIGNATARI, Décio. **Informação. Linguagem. Comunicação.** São Paulo: Atelie editorial. 2003. 158 p.

PONTES, Daniele; REJANE, Marcia; ANDRADE, Patricia. Como entender as principais teorias de aquisição de LE. Universidade Estadual Vale do Acaraú-Uva. Sobral – CE, 2007.

RAMOS, Ana Adelina Lôpo. **Um caminho estrangeiro na compreensão do gênero:** estratégias cognitivas em produção textual do CELPE-Bras. 2007. 240 f. Tese (Doutorado em Lingüística)-Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

RODRIGUES, William Costa. Metodologia científica. FAETEC/IST. **Notas de aula.** Disponível em: <http://professor.ucg.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/3922/material/Willian%20Costa%20Rodrigues_metodologia_cientifica.pdf>. Acesso em: 11 set. 2011.

SANTOS, Eneida Alice Gonzaga dos. **Gênero e número nominal: proposta de ensino de português como segunda língua para os Waimiri Atroari.** 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística)-Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

SENNA, Luiz Antonio Gomes. Psicogênese da língua escrita, universais linguísticos e teorias de alfabetização. **Alfa**, São Paulo, 39: p. 221-241, 1995.

UnB. Educação. Disponível em: <http://www.unb.br/servicos/para_a_comunidade/educacao>. Acesso em: 22 fev. 2012.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A Formação Social da Mente.** São Paulo, Martins Fontes, 1991.

WOUK, Maria das dores. A psicolinguística e o ensino de línguas. Letras. Curitiba (23): 125-135, jun 1975.

LISTA DOS APÊNDICES E ANEXOS

Apêndice A – TERMO DE CONSENTIMENTO

Apêndice B – QUESTIONÁRIO MISTO

Apêndice C – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Apêndice D – SÍNTESE DA ENTREVISTA COM O PARTICIPANTE MÁRCIO MAIA

Apêndice E – SÍNTESE DA ENTREVISTA COM O PARTICIPANTE ANTÔNIO CARLOS

Anexo A – GRÁFICOS E DADOS*.

*GRÁFICOS E DADOS ESTATÍSTICOS QUE DETALHAM SOBRE O CORPO DOCENTE E DISCENTE DA UnB, QUANTITATIVO DE ALUNOS QUE INGRESSARAM NESTA UNIVERSIDADE E QUE CONCLUÍRAM SEUS ESTUDOS NO PERÍODO COMPREENDIDO ENTRE [2002-2012].

*OS DADOS EXPLICITAM AINDA PROJETOS EXTRACURRICULARES E QUE ATINGEM A COMUNIDADE LOCAL E TAMBÉM EM OUTROS PONTOS DO BRASIL E EM OUTROS PAÍSES.

APÊNDICE A



Universidade de Brasília

IL – Instituto de Letras

Pesquisador: Leandro Guedes Fonseca de Brito

TERMO DE CONSENTIMENTO

Estou ciente de que a minha participação nesta pesquisa servirá de fonte para consultas em trabalhos acadêmicos. A presente pesquisa está sendo realizada com o objetivo de coletar dados necessários para a conclusão de monografia elaborada na disciplina “projeto de curso”, como requisito parcial para o término de Graduação em Letras-Japonês realizada na UnB.

- Afirmo que minha participação é voluntária e que nenhum tipo de coação foi resultado de minhas respostas.
- Também estou ciente que todas as minhas respostas, escritas ou orais e que inclui uma entrevista semiestruturada, serão divulgadas de forma anônima e a minha identidade será totalmente resguardada.
- A minha participação nesta pesquisa incluirá ainda preencher um questionário com questões do tipo fechadas e também perguntas do tipo abertas.
- Minhas declarações e/ou respostas poderão ser utilizadas no trabalho de conclusão de curso e em eventuais artigos ou apresentações orais sobre o estudo. Igualmente, autorizo que as informações coletadas sejam utilizadas como trechos de trabalho final.
- Afirmo ainda que fui informado (a) dos procedimentos que serão utilizados durante o projeto e serei requisitado (a) como participante da pesquisa.
- Reconheço que recebi uma cópia do presente Termo de Consentimento.

Brasília, 17 de janeiro de 2013.

(nome e assinatura do participante)

TEL:

APÊNDICE B

Questionário Misto

Este questionário faz parte de uma pesquisa de Graduação em Letras-Japonês que visa compreender dificuldades existentes no desenvolvimento do processo cognitivo para o aprendizado do idioma japonês, bem como apontar elementos que influenciam no processo ensino-aprendizagem do idioma supracitado como língua estrangeira. Os resultados do questionário serão em termos simplórios, premissas em teor piloto que poderão servir como um norte para pesquisas futuras acerca da temática e questionamentos elencados neste presente trabalho. Todas as informações aqui reproduzidas foram feitas de forma anônima, ou seja, o nome verídico do participante não foi revelado.

Informações Pessoais:

Nome Fictício: _____

Sexo: F () M ()

Idade: _____

Semestre/Ano de Ingresso no Curso de Letras-Japonês: _____/_____

Semestre/Ano de Abandono do Curso: _____/_____

Semestre/Ano de Migração do Curso: _____/_____

Curso Atual: _____

Profissão Atual: _____

1. O que o motivou a ingressar no curso de Língua e Literatura Japonesa?
Justifique sua resposta.

2. Quando ingressou no curso de Letras-Japonês já possuía algum conhecimento da língua?

Sim () Onde estudou? _____

Quantos anos e/ou meses de estudo? _____

Não ()

3. Você estuda/estudou outra língua estrangeira?

Sim () Qual/Quais: _____

Período de Estudo: _____

Não ()

4. . Você se considera competente na escrita e/ou fala no idioma japonês? Por que sim ou por que não?

5. Quais são as suas maiores frustrações/dificuldades em relação à aprendizagem do idioma japonês?

6. Em sua opinião, para se tornar competente no idioma japonês o que é necessário?

7. Quando você ainda era aluno do curso de Letras-Japonês, quais eram suas técnicas/recursos de aprendizagem para o estudo da língua japonesa? Justifique sua resposta.

8. Em sua opinião, quais são as estratégias de aprendizagem **imprescindíveis** para o desenvolvimento de habilidades cognitivas no estudo do idioma japonês?

9. Relate agora em poucas linhas, mas de forma expressiva, o(s) motivo(s) que de forma consequente o fez abandonar ou migrar de curso. Exponha também se houve ou não desmotivação da sua parte em continuar com o curso.

10. Você regressaria para o curso de Letras-Japonês? Por que sim ou por que não?

Os itens a seguir são questionamentos formulados com base no BALLI (HORWITZ, 1987), modificado para a presente pesquisa.

Leia cada afirmação abaixo e decida se:

(1) Concorda plenamente, (2) concorda, (3) não concorda e nem discorda;
(4) discorda; (5) discorda completamente.

1. Algumas línguas são mais fáceis de aprender do que outras ()

A aprendizagem do idioma Japonês é:

(a) muito difícil ()

(b) difícil ()

(c) moderado ()

(d) fácil ()

(e) muito fácil ()

2. É necessário saber sobre a cultura japonesa para se falar japonês ()

3. É importante falar japonês com uma excelente pronúncia ()

4. Não se deve dizer nada em japonês até dizê-lo corretamente ()

5. Para desenvolver a fluência do idioma japonês é necessário ir ao Japão ()

6. É necessário praticar com os nativos ()

7. Para conseguir falar em japonês é necessário saber muito vocabulário ()

8. É imprescindível praticar o japonês todos os dias da semana ()

9. Eu sinto receio/insegurança ao falar em japonês ()

10. Para falar em japonês é necessário saber a gramática ()

11. É mais fácil falar em japonês do que entender ()

12. É mais fácil ler e escrever em japonês do que falar e entender ()

13. Para conseguir redigir bem no japonês é preciso ter domínio da língua ()

14. Para o desenvolvimento da competência em japonês é necessário que os professores ministrem as aulas em japonês ()

Brasília, _____ de _____ de 2013.

Agradeço à colaboração.

Pesquisador: Leandro Guedes Fonseca de Brito.

APÊNDICE C

Roteiro de Entrevista Semiestruturada com os participantes

- 1) Qual foi o fator determinante e crucial para o ingresso no curso de Letras-Japonês na Universidade de Brasília?
- 2) Como surgiu o interesse pela língua e cultura japonesa?
- 3) Antes de ingressar no curso quais eram suas expectativas? O que mudou?
- 4) Foi notado algum progresso significativo de sua parte em relação à aprendizagem do idioma japonês?
- 5) Existe alguma particularidade em relação ao aprendizado do idioma japonês que lhe fez consequentemente abandonar o curso? Se sim o que seria?
- 6) Existe algum fator que você considera irreversível e que culminou na sua opção em abandonar o curso? Se sim qual seria?
- 7) Se você pudesse voltar atrás o que mudaria na forma de aprender o japonês?
- 8) Se você pudesse voltar atrás o que mudaria no curso de japonês?
- 9) Pensa em algum dia voltar para o curso de Letras-Japonês da UnB e concluí-lo? Por quê?

APÊNDICE D

Síntese da entrevista com o participante Márcio Maia:

Eu (Márcio Maia), quando ainda estudava no ensino médio e pensava em cursar uma faculdade pública, notei que o ingresso no curso de Letras-Japonês na UnB era de fácil acesso, ou seja, para entrar no curso, o desempenho necessário para aprovação no vestibular (uma das formas de ingresso) ou no Programa de Avaliação Seriada (outra forma de ingresso) era baixo, levando em consideração o desempenho necessário para ingressar em outros cursos oferecidos pela UnB. É claro que pesei na balança o que seria melhor pra mim de acordo com minhas chances reais de conseguir ingressar na Universidade. Eu tinha uma grande curiosidade em entender o que era dito nos animes na língua original, ou seja, no idioma japonês; essa curiosidade pelos animes e também por mangás, e ainda pela cultura japonesa, eram de fato, o fatores motivacionais que me impulsionavam a ingressar para o curso de Letras-Japonês. Porém o interesse maior era ingressar na única Universidade pública, gratuita e conceituada que há na minha cidade (Brasília) independentemente de como iria ser no decorrer da Graduação. As prospecções do futuro são idealizadas, porém não necessariamente cumpridas. Muita coisa mudou depois que eu entrei no curso para que eu ingressasse no curso. Meu curso inicialmente pretendido para o ingresso na Universidade era Engenharia Mecatrônica, mas como seu desempenho obtido no PAS (Programa de Avaliação Seriada) e que é dividido em 3 etapas, não foi suficiente para tal, eu resolvi aproveitar o desempenho obtido e ingressar no curso de Letras-Japonês, já que para este último, eu tinha desempenho suficiente para ser aprovado. Deste modo, como eu almejava cursar uma faculdade, e fui aprovado no curso de Letras-japonês, resolvi seguir em frente e iniciar meus estudos na língua japonesa. Para entrar no curso não é necessário realizar teste de habilidades específicas, em que o aluno demonstre adquirir de antemão, um conhecimento prévio sobre a língua ou cultura japonesa. Sendo assim, mesmo sem nenhum conhecimento do idioma japonês, qualquer calouro está apto a cursar as disciplinas iniciais de cunho acadêmico que diz respeito à língua japonesa. Senti que o nível se elevava muito com o passar dos

semestres e com a quantidade de Kanjis e estruturas gramaticais exigidas. Ademais a parte oral da língua japonesa ia naturalmente sendo mais cobrada. Percebi que para concluir o curso, a dedicação ao idioma japonês é necessária, e a carga de matérias cobradas eram demasiadamente desiguais quando se chega na metade do curso. Nos semestres iniciais do curso, é relativamente fácil acompanhar as aulas, realizar as tarefas solicitadas e dar continuidade no estudo, porém com o passar dos semestres, o nível exigido vai se tornando cada vez maior e em real desproporção ao que era requisitado no começo. A partir de então, as sucessivas reprovações em disciplinas obrigatórias do curso e os remanescentes e expressivos desempenhos negativos obtidos nas avaliações, somaram-se para um conseqüente desequilíbrio emocional e que me levaram seriamente em dar ou não continuidade no curso. Decidi então cursar Geologia. Com certeza me identifico mais com o este curso e pretendo concluí-lo.

APÊNDICE E

Síntese da entrevista com o participante Antônio:

Eu (Bozo) sempre tive interesse pela cultura e língua japonesa. Ingressar em uma das poucas universidades no Brasil que oferecesse o curso de Letras-Japonês foi um dos motivos que me interessei pelo curso. Constatei que seria fácil entrar pelo vestibular de acordo com as notas atingidas pelos candidatos aprovados. Nunca foi meu sonho, mas interesse a cultura aliada à facilidade de ingresso, foram sem dúvida preceitos determinantes para o meu ingresso na UnB no curso de Letras-Japonês. Nos semestres iniciais me identifiquei bastante com a didática dos professores e com a carga exigida para que eu pudesse acompanhar os demais colegas de classe nas tarefas e estudos necessários. Afinidade com a cultura e o estudo do idioma antes de ingressar na universidade somaram-se para o meu interesse em cursar letras-japonês na UnB. As minhas expectativas ao adentrar no curso seria levá-lo profissionalmente, mas com o passar dos semestres notei que o mercado de trabalho é muito escasso na área de japonês. Quanto ao ensino do idioma japonês não tenho o que me queixar, porém um fator negativo e que pra mim foi irreversível na escolha da migração do curso se deu em relação ao mercado profissional. Com o passar dos semestres, mais exatamente no quinto período, vi que o nível havia se elevado bastante e que estava sendo cada vez mais difícil acompanhar as aulas. O total de 3 reprovações em disciplina obrigatória do curso foi o estopim para que eu decidisse migrar de curso. Como ainda gostava muito de línguas decidi migrar para o curso de Letras-Espanhol e estou perto de concluí-lo. Por achar insignificante o mercado de trabalho na área de japonês comparado ao idioma espanhol, eu não penso em voltar algum dia e concluir o curso de Letras-Japonês.

ANEXO A – GRÁFICOS E DADOS*

*GRÁFICOS E DADOS ESTATÍSTICOS QUE DETALHAM SOBRE O CORPO DOCENTE E DISCENTE DA UnB, QUANTITATIVO DE ALUNOS QUE INGRESSARAM NESTA UNIVERSIDADE E QUE CONCLUÍRAM SEUS ESTUDOS NO PERÍODO COMPREENDIDO ENTRE [2002-2012].

*OS DADOS EXPLICITAM AINDA PROJETOS EXTRACURRICULARES E QUE ATINGEM A COMUNIDADE LOCAL E TAMBÉM EM OUTROS PONTOS DO BRASIL E EM OUTROS PAÍSES:

PROFISSIONAIS, MESTRES E DOUTORES

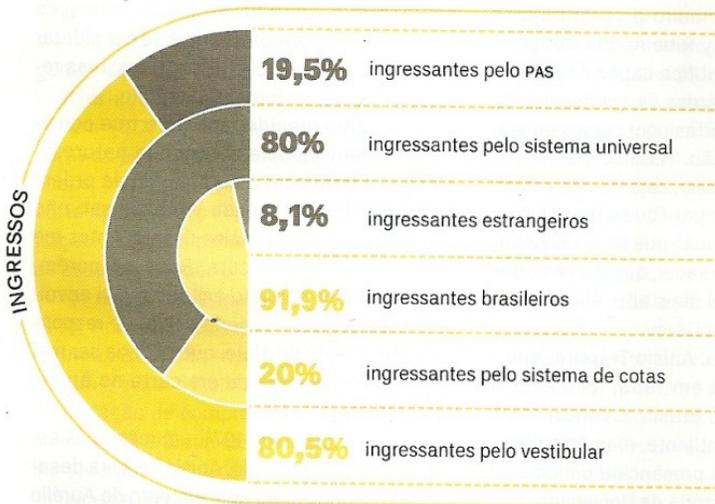
Mariana Vieira

Repórter - Revista DARCY

A Universidade de Brasília foi criada de acordo com três pilares: ensino, pesquisa e extensão. O ensino forma profissionais para o mercado de trabalho e a administração pública. A pesquisa produz conhecimento para a sociedade em todas as áreas do saber humano. A extensão é a aplicação prática do ensino, quando professores e universitários desenvolvem atividades com a comunidade. Veja alguns dados de produtividade da UnB durante os últimos dez anos:

ENSINO

São 70 carreiras diferentes, que abarcam praticamente todas as áreas do conhecimento. Veja no infográfico abaixo como estão distribuídos os formandos de acordo com gênero, nacionalidade, modalidade de ensino (presencial ou a distância) e formas de ingresso como vestibular, PAS e sistema de cotas



NOS ÚLTIMOS
DEZ ANOS,
A **UnB** FORMOU
38.667
PROFISSIONAIS

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

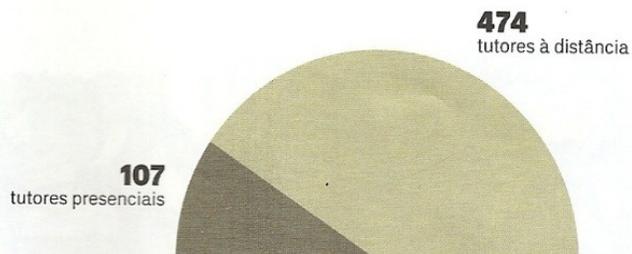
números de turmas/área

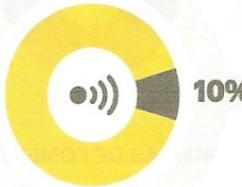
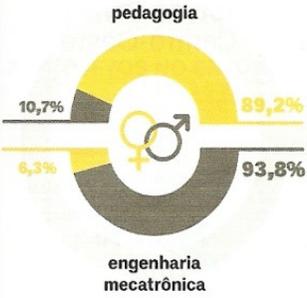
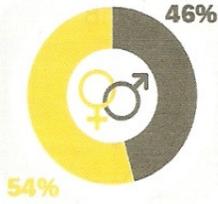
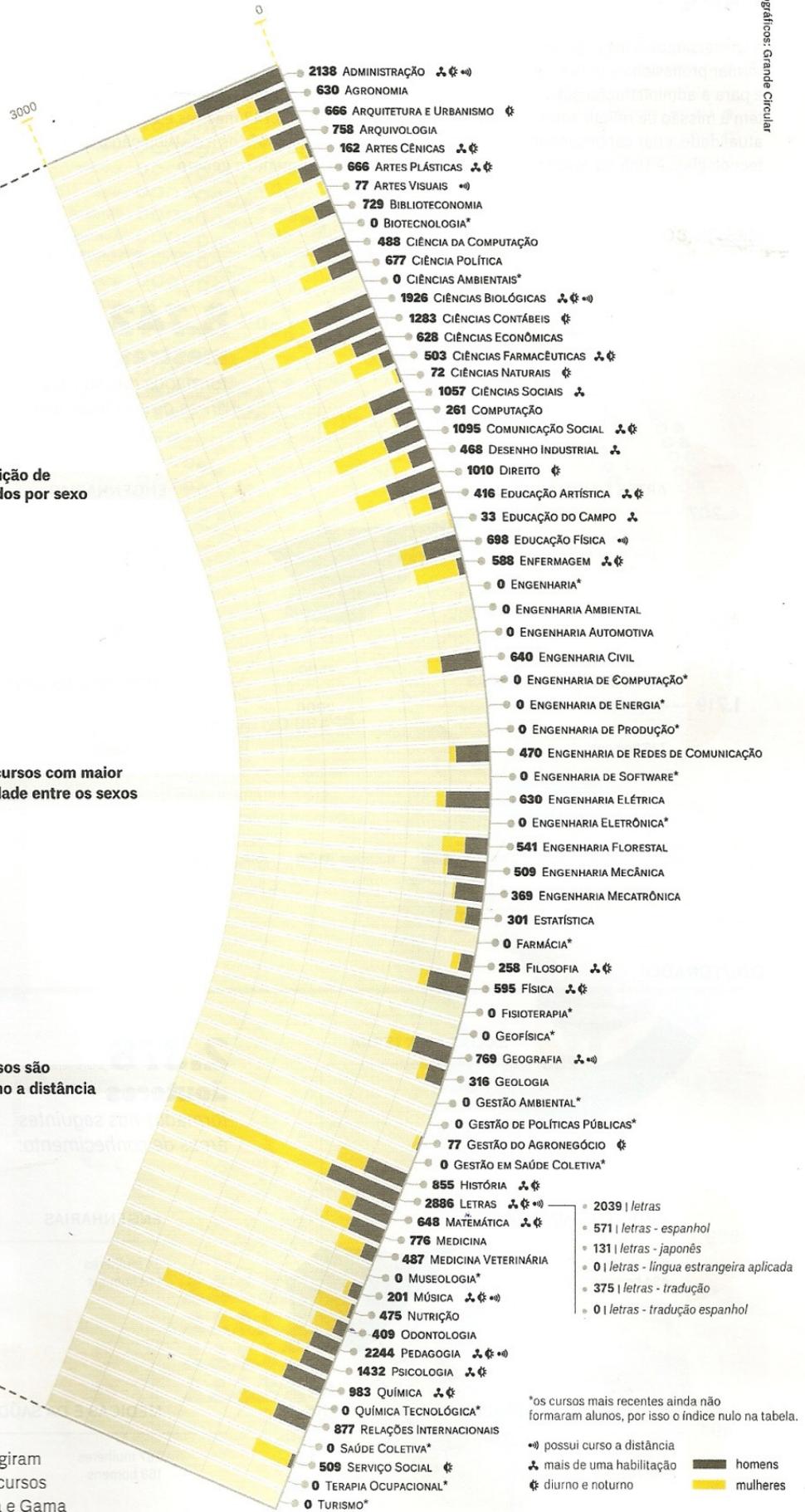


*licenciatura

um total de **121** turmas com **2.480** alunos matriculados

números de tutores





CRESCIMENTO

Só nos últimos dez anos, a universidade criou 43 novos cursos. De 2008 para cá, com a instituição do REUNI (Reestruturação e Expansão das Universidades Federais) surgiram 1.543 novas vagas ampliando a oferta em cursos noturnos e nos campi Planaltina, Ceilândia e Gama

- 2039 | letras
- 571 | letras - espanhol
- 131 | letras - japonês
- 0 | letras - língua estrangeira aplicada
- 375 | letras - tradução
- 0 | letras - tradução espanhol

*os cursos mais recentes ainda não formaram alunos, por isso o índice nulo na tabela.

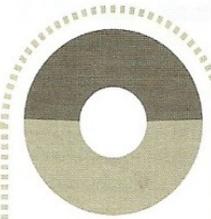
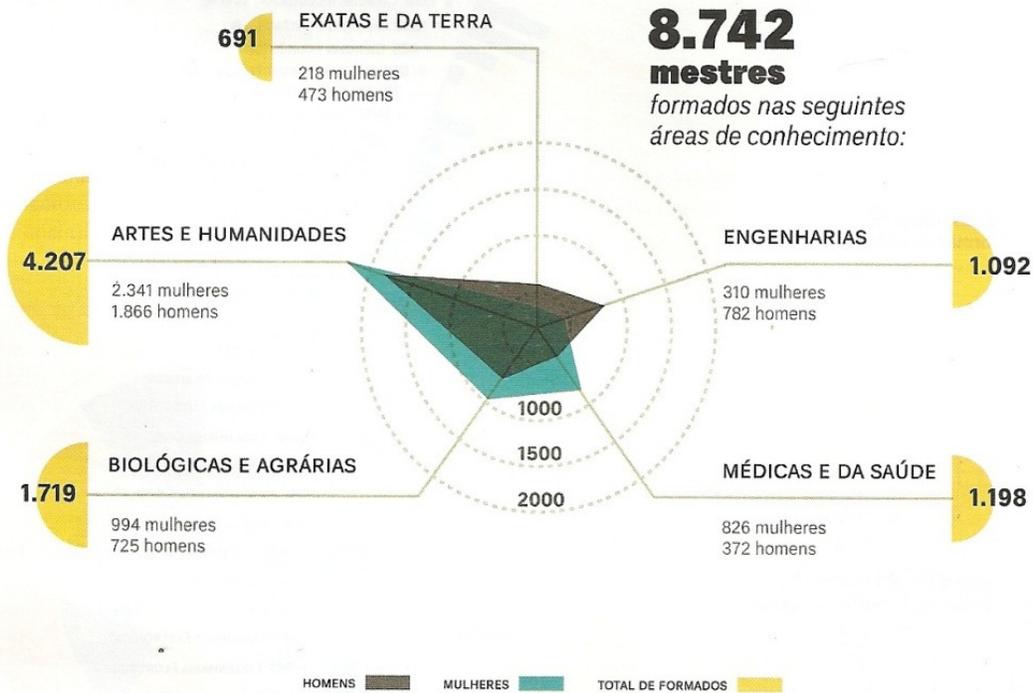
- ☉ possui curso a distância
- ♣ mais de uma habilitação
- ☒ diurno e noturno
- homens
- mulheres

PESQUISA

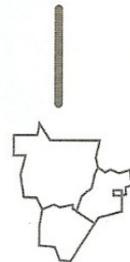
A Universidade é lugar de pesquisa. Além de formar profissionais para o mercado de trabalho e para a administração pública, a universidade tem a missão de refletir sobre os temas da atualidade, criar conhecimento e inventar tecnologias. A UnB faz isso formando mestres

e doutores em seus institutos, faculdades, departamentos, centros de estudo e laboratórios de pesquisa. Nos últimos dez anos, a UnB formou 8.742 mestres e 2.378 doutores. Veja nos infográficos a distribuição por área do conhecimento e gênero

MESTRADO



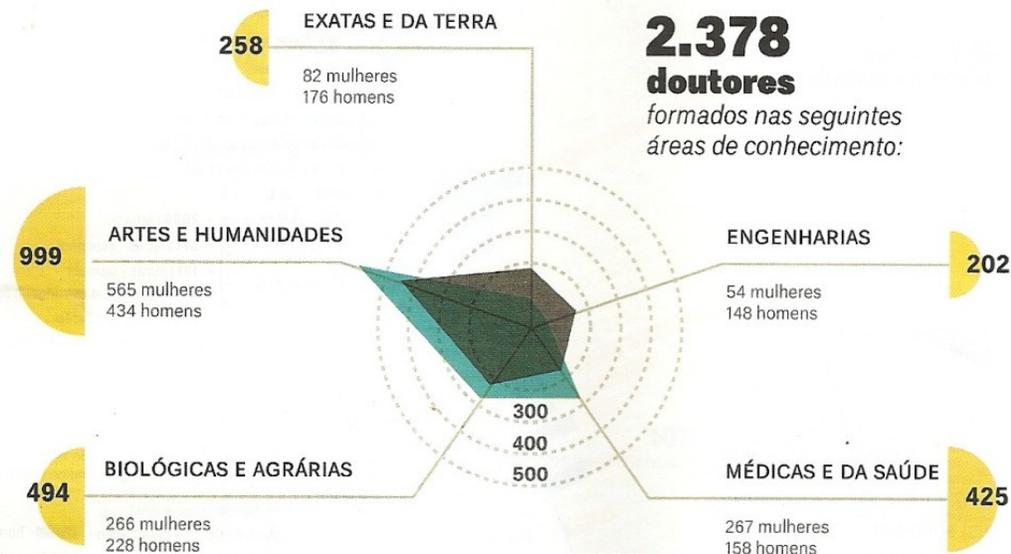
mestrado
49,09%
UnB



bolsas CNPq
Centro-Oeste

doutorado
71,65%
UnB

DOCTORADO



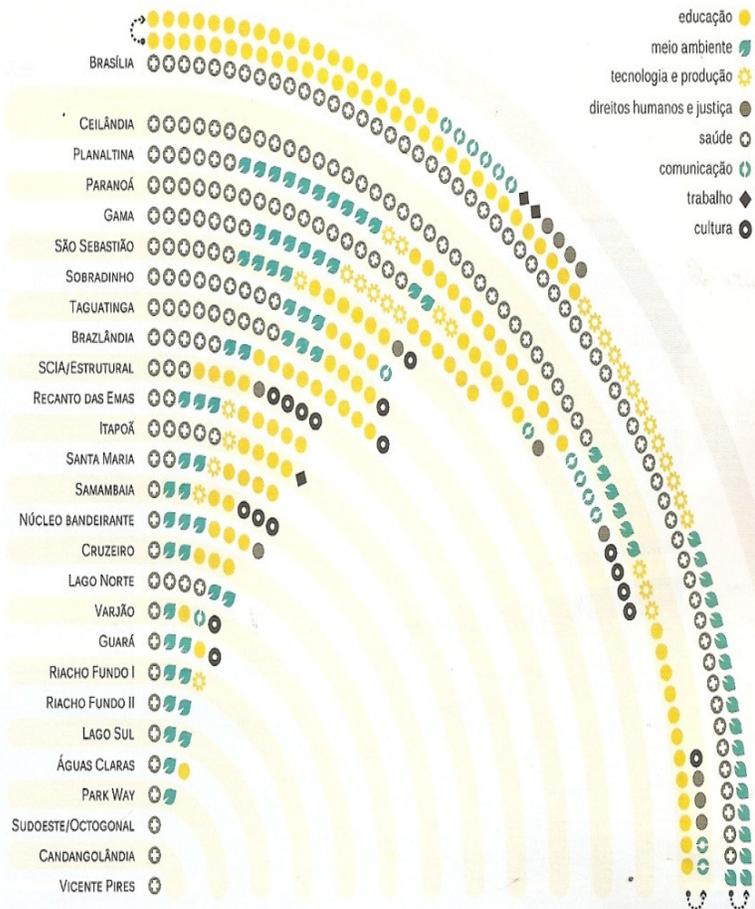
BOLSAS DE FOMENTO

O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) é uma fundação de fomento à pesquisa vinculada ao Ministério da Ciência e Tecnologia. A quantidade de bolsas de pesquisa concedidas à instituição representa a produtividade em diferentes níveis (graduação, mestrado, doutorado) e em diversas áreas. No Centro-Oeste, a UnB recebe 49,09% das bolsas de mestrado e 71,65% das de doutorado.

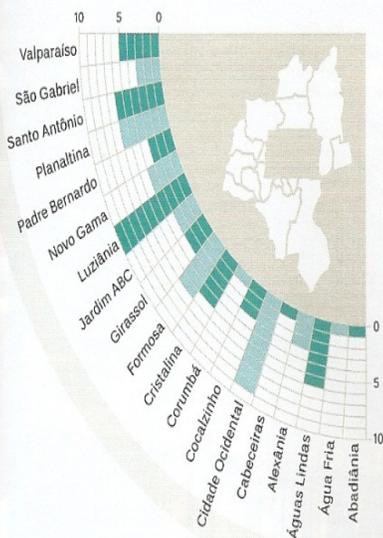
EXTENSÃO

A extensão é a propagação do conhecimento em benefício da comunidade. A ideia de extensão se concretiza em projetos tocados por professores e estudantes que transformam a realidade social fora da academia. Acompanhe nos infográficos o alcance dos projetos de extensão no DF, no entorno, no Brasil e no mundo. Siga as legendas para saber quais as temáticas mais presentes nos projetos de extensão.

1. PROJETOS NO DF

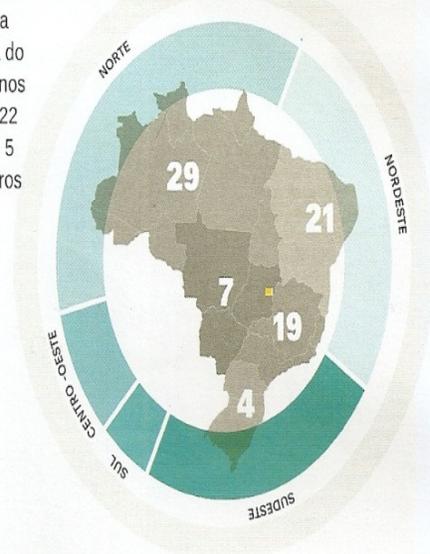


2. PROJETOS NO ENTORNO



3. PROJETOS NO BRASIL

Os projetos de extensão da UnB não se limitam à área do Distrito Federal, muito menos ao estado de Goiás. São 122 projetos espalhados pelas 5 regiões do Brasil e por outros 5 países



4. COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA

O Projeto Comunicação Comunitária surgiu em 2002. Estudantes de vários

